

# MountaIn

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXIII | #135 | jan/fev 2014

Escalada Indoor  
**Futuro incerto**

Escalada Tradicional  
**Ilha de Trindade**

Escalada esportiva

**São Thomé das Letras - MG**

Caminhada

**Chapada dos Veadeiros - GO**





**20 Anos**  
**CURTLO**  
 Aonde você for!

Fernando Oliveira com a mochila Mirage 35+ no Tour Du Mont Blanc.

www.curtlo.com.br  
 www.instagram.com/curtlobr  
 www.youtube.com.br/curtlobrasil  
 www.twitter.com/curtlobr

**Camiseta Silver Fresh**  
 Inibe os odores do suor.  
 Proteção UV 50+.  
 Flexibilidade.  
 Fem. e masc., manga longa e curta.

**Calças -bermudas Spirit e Escale**  
 Spirit (fem.) Escale (masc.)  
 Equilíbrio térmico.  
 Proteção UV 50+.

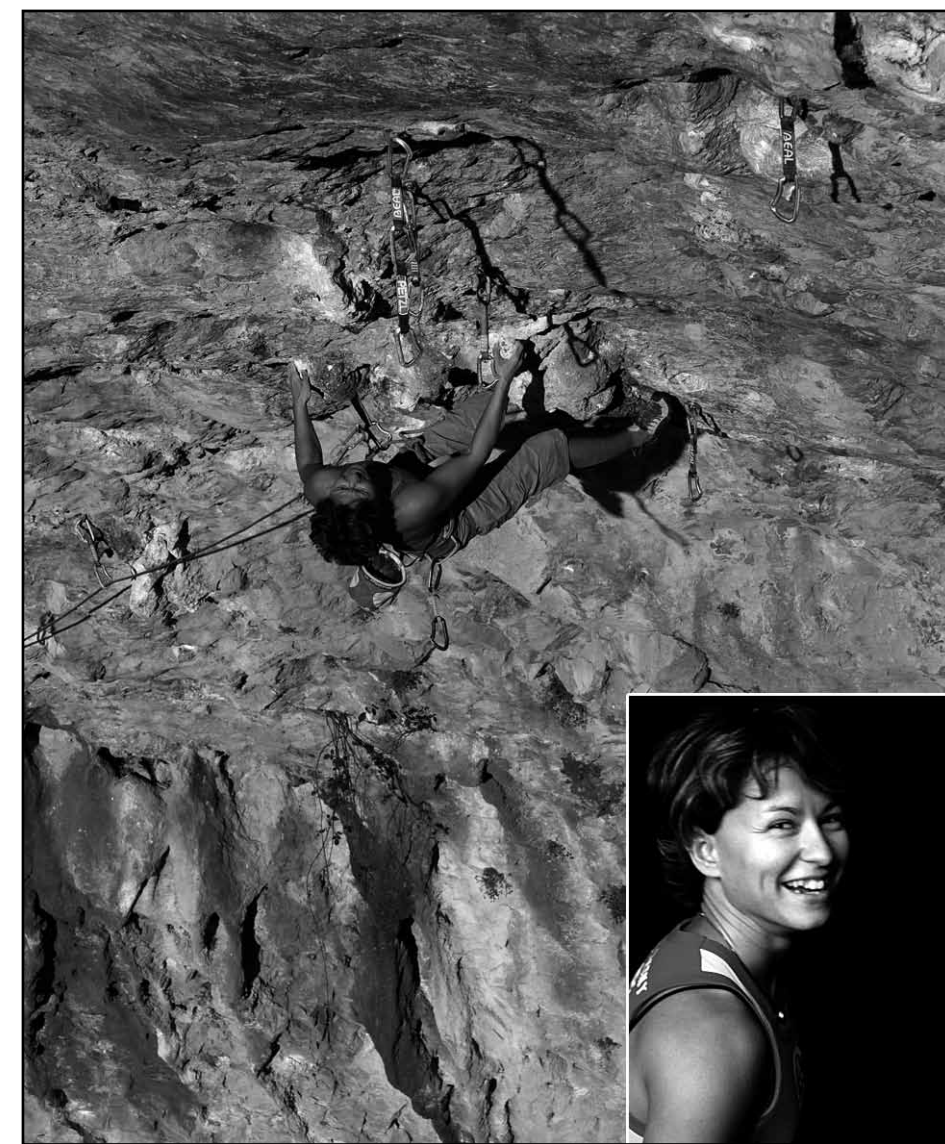
**Mirage 35+**  
 MELHOR Otimizada  
 Rip-Stop leve e resistente.  
**COROURA**  
 Resistência à abrasão e ao rasgo, nos pontos de maior tração.  
 Hip Motion  
 Barrigueiras conectadas que acompanham o movimento do quadril.  
 Air Flow System  
 Costado com canal de aeração.

# Internacional

ALESSANDRA ARRIADA | RS

Muriel Sarkany, de 39 anos, uma escaladora belga, essa semana conseguiu seu primeiro 9a, ou 11c, em Gorges du Loup na França, com a via *Punt-X*. Claro que ela ter essa idade e conseguir seu objetivo de uma forma leve e despreocupada como conta na revista *Desnivel* me impressionou, mas meu pensamento voou em outra direção. Ela diz no início do texto, o segredo é escutar seu corpo e desfrutar. Essa motivação ponderada me levou a pensar, sim, é isso mesmo, sentir o corpo, desfrutar dos momentos escalando e evoluir, evoluir, evoluir. Mas mais do que isso, minhas leituras internacionais com Colette McInerney me deixaram pensando, com o seu 'Getting Braziled', sobre o tempo, ou 'timing' das coisas, o 'timing' pra se 'evoluir'. Como cozinhar arroz ou outra coisa difícil pra alguns como pão. Cada um vai incomodar com sua receita perfeita tentando resolver todos os seus problemas levando ao caminho mágico da evolução e perfeição. Seu amigo vai lhe passar uma planilha de treinamento e o outro vai indicar uma proteína infalível de gosto duvidoso. Sua amiga vai frisar a importância dos treinos de perna, do aprender a cair, do perder o medo e ainda dos treinos de fortalecimento de dedos. Outros pessimistas vão colocar na sua cabeça o tão velho (a) você está ou o tão gordo(a), e os mais calmos vão te aconselhar a simplesmente desfrutar pra chegar lá. Mas nem tudo, felizmente ou infelizmente, é pra todos. Pra alguns algumas receitas funcionam muito bem, pra outros simplesmente as coisas acontecem com sua própria vontade e força. A escalada funciona assim, a

vida também. Despreziosamente a vida vai acontecendo, despreocupadamente a gente vai se emocionando com uma coisa e outra e o arroz vai dando certo, entre uma taça de vinho e outra. Cronometrar o tempo, a água e dedicar seu tempo somente pra dar certo, sem tirar os olhos da panela, às vezes surte menos resultado. Se estivermos de corpo, alma e coração, a natureza dará seu jeito, e conseguiremos tudo. Muitas vezes o ingrediente que falta é simplesmente se entregar, sentir, despreocupar-se. Cada um de nós tenta sistematicamente, matematicamente melhorar. Com isso imaginamos alcançar nossos objetivos, nossas metas, evoluir, conseguir o que queremos. Sonhamos com nossas vias de escalada, sonhamos com uma vida boa, estamos nos esforçando, merecemos não é mesmo? Mas é simplesmente quando nos esquecemos de toda essa cobrança é que parece que as coisas começam a dar certo. Aceitar que todos os ingredientes do bolo, na ordem exata descrita, podem nem sempre dar o bolo desejado traz um alento enorme. Do contrário, imaginar que as coisas precisam dar certo ou precisam acontecer daquele jeito pode trazer uma frustração enorme. É claro que dói. Frustra. Confunde. Por que não consigo? Por que não dá certo? Mas respeitar o tempo das coisas, entender, mesmo que doa, e conseguir manter a calma e a serenidade, com certeza traz as coisas boas pra perto de nós. Traz pessoas boas pra perto de nós. Traz uma energia enorme e sem sentir estar lá: o seu arroz, a sua via, o seu momento melhor acontecendo. Com 39 anos ou mais. Bons ventos.



**Novas companhias, novas viagens**  
**Transglobe**  
 Para uso como mochila ou mala de mão. Bolso frontal destacável virando mochila de ataque. Capa de chuva e armação embutida. Tecido de alta resistência.

**Trilhas Orbi**  
 Bolsa de viagem com rodinhas, alça telescópica e um dos compartimentos em estrutura rígida. Super reforçada. Possui pontos refletivos.

**Trilhas Pilatt**  
 Para pequenas viagens e dia a dia. Super reforçada. Três bolsos externos, grande espaço interno, fundo rígido e pontos refletivos.

**Trilhas & RUMOS**  
 www.trilhaserumos.com.br  
 R. Fernando Luz Filho, 112 - Meudon - Teresópolis - RJ - (21) 2742-9652 - Fax: (21) 2742-5781

**Vestuário**  
**Mochilas**  
**Sacos de dormir**  
**Acessórios**

**SUA EXPERIÊNCIA É ÚNICA**

www.solobr.com

**SOLO**  
 VISTA SUA LIBERDADE

www.mountaininvoites.com.br



# Escalada de competição

Hoje em dia me pergunto constantemente: o que é, o que foi e o que será da escalada de competição no Brasil nos próximos anos? É difícil acreditar que um dia estaria escrevendo sobre esta triste realidade que assola a modalidade nos últimos anos, um número decrescente de eventos e atletas, brigas e discussões, a finalização das atividades da APEE, que por tantos anos encabeçou excelentes competições, e o desligamento da CBME do IFSC, fechando todas as portas para quem ainda teria planos de competir em eventos internacionais, isso porque, a história, o caminho traçado, as probabilidades e o legado deixado por mais de duas décadas eram como uma receita infalível para que o Brasil fosse uma enorme potência da modalidade, assim como é em todas as outras modalidades da escalada brasileira.

ANDRÉ BEREZOSKI | SP

O Brasil sempre alcançou resultados expressivos no cenário afora, desde atletas individuais até como seleção. Deixamos a marca registrada do potencial nacional durante anos e que continuam atuantes, como Felipeinho ganhando importantes competições pela América do Sul; Cesinha, competindo na Itália e mostrando a força da escalada brasileira; Janine, eterna guerreira das competições; Thaisinha, se dedicando integralmente para dar continuidade à sequência evolutiva que passa todo escalador; Jean Ouriques, que tem se dedicado integralmente às competições; e Raphael Nishimura, nosso superrepresentante no paraclimb, além de tantos outros nomes, que desejam desta modalidade algo mais, assim como se entregam e dedicam todo o tempo, ou seja, quer mais exemplos ou amostras para determinar que a modalidade tenha ou teria um futuro promissor? Não posso esquecer de citar nomes como Diogo Ratacheski e Eduardo Carvalho que anos atrás tiveram um papel importantíssimo nas compes Sul-americanas. Vamos aos esquecidos, porém representativos exemplos: 1989, Curitiba sedia um campeonato Sul-americano. Entre os participantes estavam nomes como Flávio Cantéli (competiu com excelência até 2004), Snakinho, Marcelo Ramos, Sergio Tartari, Alexandre Portella, Julio Nogueira (meu mestre) Rivam Burda, Chiquinho, Ingo Muller (vencedor no juvenil) e, claro, nosso maior representante, Paulo Macaco, exímio escalador que venceu este torneio com elegância. E, é claro, o Chicão da 5.13. Sem a iniciativa dele em organizar, montar e mergulhar no desconhecido mundo das competições, nada disso teria acontecido, não só neste evento, mas em vários dos mais importantes da época. Mal sabiam estes grandes nomes que mesmo hoje vivendo longe da escalada esportiva e ainda mais da competição, o legado deixado veio como uma espécie de tradição em formar excelentes escaladores, tanto que após vários anos o Brasil sempre manteve um nome, uma equipe ou uma seleção de peso, que representou e representa até hoje no cenário Pan-americano. Sempre incomodamos (assim por dizer) todos os outros países, e por mais incrível que pareça os resultados nunca deixaram de existir, mas nosso país nunca mais sediou uma competição deste porte, e não foi por falta de conversas e incentivo de outros países e dos próprios escaladores que sonhavam com um Sul-americano no Brasil, tomando por base os eventos que participamos em diversos países Sul-americanos, nossa infraestrutura de paredes, route-setters e organização sempre deu de 10 a 0. Um ranking regional brasileiro era por muitas vezes infinitamente superior a um evento Sul-americano na Venezuela, por exemplo. Tínhamos tudo nas mãos e chegamos a assumir como atletas o compromisso de sediar uma etapa por aqui, mas isso só

não basta e o grande evento não aconteceu. Esse texto que escrevo não tem como objetivo buscar ou apontar um ou vários culpados, de discussões em discussões e de um ego exacerbado é que a escalada se atravancou no Brasil. A ideia aqui é tentar encontrar uma solução de imediato, mas que tenha embasamento para dar continuidade a este processo de desatolar a escalada de competição dessa situação desastrosa que se encontra no momento. 2013 vai passar em branco sobre o brasileiro, e entre tantas etapas do mundial, que aconteceram em 2013 e que havia vagas de sobra pra qualquer brasileiro ir competir, quantos realmente se levantaram e deram à cara a tapa? Não chega a meia dúzia. E no Pan-americano juvenil? A lista de participantes era imensa, com todos os países latinos com não só um mas vários atletas, e não havia um brasileiro se quer. Ou seja, com os ginásios Brasil a fora lotados de gente escalando, existem vários jovens que poderiam estar lá, com sua sapatilha e equipamentos zerados, bem treinados e embalados pela multidão que escala no Brasil atualmente, mas o que lanço aqui não é uma resposta nem uma acusação sobre o porquê desta escassez nas competições. Meu ponto de vista pode parecer da linha um pouco radical do leste europeu, onde as coisas têm que ser conquistadas na base do extremo esforço e onde o valor, seja de um evento ou uma vitória, vem atrelado à imensa vontade que tudo aconteça, ou seja, hoje não existem escaladores suficientes que valorizem uma competição, sendo assim, seria melhor que um tempo sem elas possam fazer nascer novamente este desejo pela modalidade, caso contrário, melhor que fiquem escalando em rocha e postando os feitos no 8a.nu e no facebook. É muito mais fácil do que se dedicar horas a fio com treinos e disciplina, pois quem treinou mesmo ou treina hoje em dia, sabe que temos que tirar forças para esses momentos áridos, de mão esfolada, cansaço, entre outros fatores, como abdicar da escalada em rocha. Porém, é muito difícil deixar de lado várias questões importantes, como, por exemplo: em 2014 existem escaladores suficientes dispostos a competir seriamente? Sim, existem, assim como pessoas motivadas a organizar tais eventos, mas percebo que o público-alvo mudou em muito a filosofia que existia em 1994. Nós sabíamos, não me lembro como, mas de uma competição em Petrópolis onde as informações eram data, hora e mais ou menos o local. E lá fomos nós, mochila gigante com tudo dentro, pois não sabíamos onde dormir, se em alojamento ou barraca, algo para comer, fogareiro e panela cozinhando dentro de escolas... dinheiro pra ir competir? Junta daqui e dali, amigos, empresas, entra no busão, dorme no isolante térmico no corredor pra poder acordar no outro dia na cidade da competição pra tentar achar

o local, chegou a tempo, perfeito, entra, passa mal de dor de barriga, fica "p" da vida por não ter ido bem, ok, o importante era a sensação de viajar, do desconhecido, de se auto avaliar em uma via e, principalmente, o momento de encontrar amigos de todas as partes do Brasil e trocar figurinhas. Depois, escalar junto, simples assim, era uma filosofia que de certa forma foi substituída pelos inúmeros encontros de escalada em rocha por todo o país hoje em dia. Mas a parte esportiva foi se desfazendo ao longo desses anos, pois não consigo ver um escalador se quer hoje em dia que se propõe a competir fora de casa, sem: passagem de avião, hotel ou casa de amigo com cama e transporte, sapatilha zerada, treino em dia, pois caso seja anunciado um mês antes, os atletas não tem como se planejar e partem para o boicote, algo repugnante no meu conceito. Se minha empresa estivesse apoiando tal atleta, seria no mínimo antiprofissional esta atitude, tem que ir competir e ponto final. Se o cenário fosse diferente, com 200 compes anuais, ok, mas essa não é a realidade, então, acredito que a falta de humildade e insegurança de vários escaladores também regridem este processo de desenvolvimento, também cansei de escutar "Bom, Belê, Cesinha e Felipeinho competindo, já tem o pódio formado, não vou nem entrar". Se eu e tantos outros fôssemos pensar desta forma, a escalada entre 1992 e 2006 não teria vivido uma "época de ouro". E da mesma forma que aconteceram campeonatos memoráveis em números e qualidade, os mesmos foram desaparecendo aos poucos, por falta de competidores, ou seja, o maior dos absurdos. Parei de competir em 2006 para poder contribuir como route-setter, e o que encontrei foi um campeonato brasileiro de 2008 com apenas 4 competidores, extremamente frustrante. Após ter participado de todas as edições, onde o número de competidores era tão alto que dos 90 inscritos, 15 tinham reais chances de levar o título e que, independente disso, estávamos viajando, conhecendo pessoas e lugares novos, entrar em contato com nomes de peso e poder aprender com eles, só de observar já valia a pena a viagem. Devemos procurar um culpado? Não, não devemos, tudo e todos têm sua parcela de culpa. Se chegamos a este ponto, é por falta de todas as partes envolvidas, sem exceção, mas ainda acredito que grande parte da culpa é do próprio escalador, que reclama e se coloca num pedestal que não existia antigamente. E sabe qual a melhor forma ensinar a valorizar algo que faz parte da história da escalada nacional, a de competição? É ficando sem ela. As pessoas precisam aprender a dar o devido valor a esta modalidade, caso contrário, é melhor assumir que nunca teremos um bom representante lá fora e ponto final,

mesmo que isso resulte impossível, porque o escalador de competição brasileiro já está enraizado e sempre vai trazer bons resultados. Resta-nos acreditar que um trabalho de base, com crianças e adolescentes, é que vai formar grandes nomes baseados nos ídolos nacionais, como sempre foi, mas deste ponto até voltar o que era antes, há muito a ser percorrido. E de que adianta formar uma geração inteira, sendo que a atual situação lhe permite ser no máximo "Campeão Brasileiro", que é um feito memorável, mas sem autorização do IFSC para competir em eventos oficiais, é o máximo que um garoto(a) pode sonhar hoje no Brasil, e ficar assistindo on-line os megaeventos lá fora. Mesmo diante de tantas adversidades, como falta de todo tipo de incentivo, o escalador brasileiro vai se virando nos trinta pra levar adiante algo que pulsa dentro de cada um no que se refere à superação, mesmo sabendo da imensa onda que se forma diante de cada remada, tomamos na cabeça, somos arremessados de volta à praia, mesmo assim voltamos pra arrebentação, é assim, uma força maior nos impulsiona e não vamos parar, e de uma forma ou outra a contribuição para o esporte permanece. A escalada de competição se encontra na base da via ou boulder, olhando pra cima, sem corda, ou crash, com as mãos suando e sapatilhas nos pés, a vontade de ir adiante é tremenda, sua intuição de que é possível pulsa freneticamente. Mas com elas vêm as dúvidas de não poder mais errar, não pode existir mais uma queda, ou ela será fatal, mesmo assim, existe algo interior que nos chama para um levante que pode ser a revolução que faltava no meio, quem sabe? Só tentando pra descobrir onde podemos chegar, sabemos que o caminho é árduo, quase impossível de competir com as grandes potências do climb internacional, mas pelo menos dentro de nossas raízes sul-americanas, já deixamos claro que nunca estivemos para brincadeira, e por mais que ainda não nos estruturamos ao ponto de sediar, selecionar, apoiar pelo governo e afins, nosso fator humano é imbatível, basta estarmos presentes. O objetivo aqui não é o de criticar ninguém, nem apontar responsáveis pela atual situação, é só uma tentativa de mostrar de alguma forma o quanto a escalada de competição é importante para o desenvolvimento geral da escalada como esporte organizado, e que assim como os pioneiros, as gerações seguintes levaram esta modalidade nas costas como encontro de identidade, e onde todos os que se dedicaram a esta causa se estabeleceram e vivem imersos neste mundo, de onde retiramos sustento e realizações pessoais e onde várias brilhantes carreiras e nomes foram criados. Porque não continuar este processo? Definitivamente temos que prosseguir. Boas escaladas e um feliz 2014!

# Seja Ousado.



## PARA BOOT

A bota ideal para a sua aventura! Desenvolvida totalmente em borracha, a Para Boot garante conforto, versatilidade, proteção e resistência, independentemente das condições climáticas.

## Seja Inspirado pela vida.

**HI-TEC**  
INSPIRED BY LIFE

www.hi-tec.com



# Novas conquistas na Ilha de Trindade

Texto + Imagens: André Ilha



Perdida no Oceano Atlântico encontra-se uma pequena ilha repleta de histórias de piratas e invasões, de tentativas e fracassos de povoamento, de naufrágios e degredo, de destruição e recuperação ambiental.

Falamos da Ilha da Trindade, ponta de um imenso vulcão submarino que tem entre cinco e seis mil metros submersos e se eleva a 620 m acima do nível do mar, no Pico Desejado, raro morro arredondado numa paisagem onde predominam afiados pontões rochosos de centenas de metros de altura. A Ilha da Trindade é administrada pela Marinha do Brasil, que ali mantém desde 1957 o Posto Oceanográfico da Ilha da Trindade (POIT), onde uma guarnição permanente de cerca de 40 homens garante nossa soberania sobre um pedaço de terra estrategicamente situado, que propor-

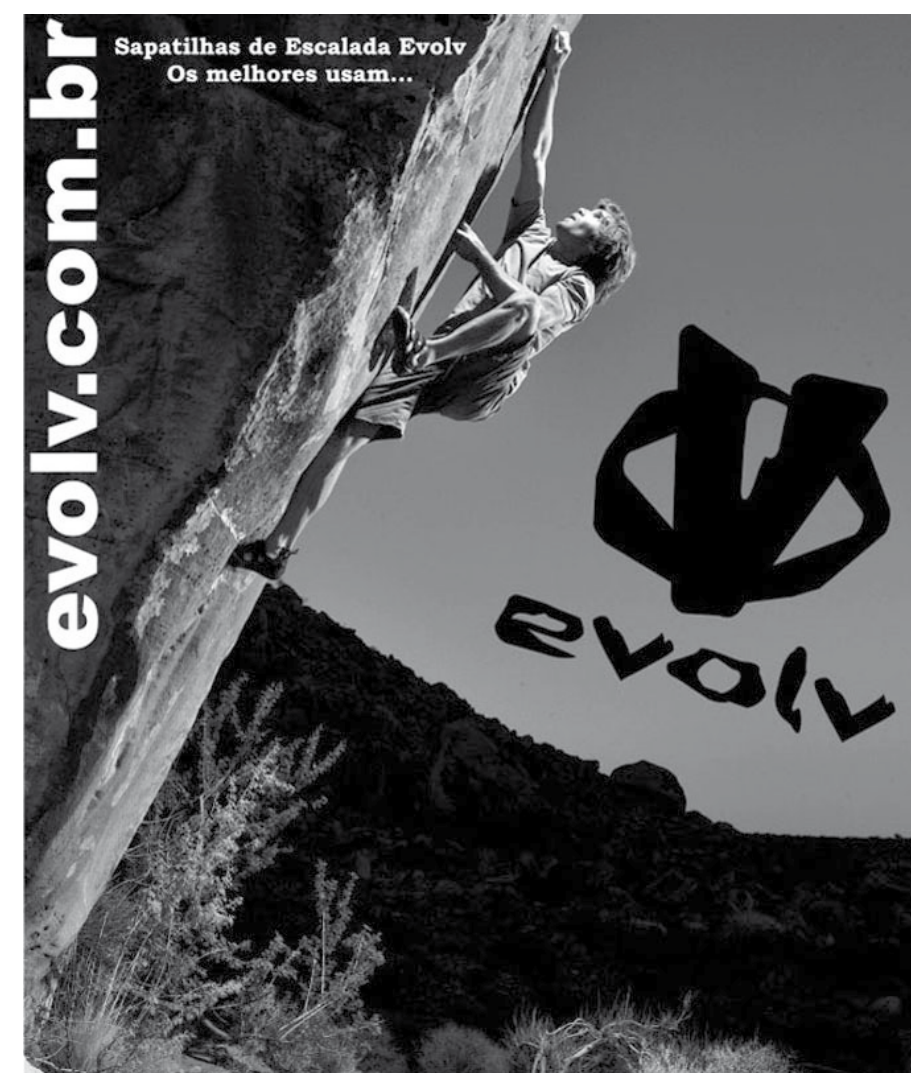
ciona ao país um círculo de mar territorial de 200 milhas náuticas de raio. Uma estação científica e uma estação meteorológica completam as escassas edificações da Ilha da Trindade, todas situadas na Enseada dos Portugueses, na face voltada para a África. Embora os militares façam regularmente caminhadas por toda a ilha e tenham mesmo subido alguns dos seus pontões mais fáceis, como o imponente Pão de Açúcar (bastante parecido com o seu homônimo carioca, inclusive na altura), ainda não havia escaladas verdadeiramente técnicas ali. Por isso, eu e três amigos,

Miguel Freitas, Sandro de Souza e Ricardo Barsetti, este último como elemento de apoio, submetemos à Marinha um projeto para tentar a ascensão de alguns de seus principais cumes virgens. O longo processo de obtenção da autorização incluiu uma visita prévia de reconhecimento em dezembro de 2012, do tipo "bate e volta": ficamos desembarcados apenas por três dias, prazo em que o navio que a cada dois meses segue para lá com mantimentos, materiais e equipamentos, e troca a metade do efetivo do POIT, gasta em média para fazer isto tudo. Esta ida prévia mostrou-se

de inestimável valia para melhor planejarmos nossa viagem principal, em agosto/setembro de 2013. A vegetação nativa da ilha foi devastada pelas cabras que o astrônomo Edmund Halley, que em 1700 tomou posse da ilha em nome da coroa britânica, lá deixou para o consumo de futuros visitantes ou naufragos. No entanto, graças a uma parceria entre pesquisadores do Museu Nacional e a Marinha do Brasil, atiradores navais de elite eliminaram uma a uma todas elas, e o crânio da última, abatida em 2005, encontra-se exposto no pequeno museu local. Como resultado, a vegetação tem retorna-

do com vigor, detendo processos erosivos e fazendo com que a ilha voltasse a ter cursos d'água perenes. Da fauna nativa, destacam-se as muitas aves marinhas, como atobás, trinta-réis-das-rocas, o petrel-da-trindade e a grazina, mas o verdadeiro soberano local é o caranguejo-amarelo (*Gecarcinus lagostoma*), que está presente em todos os ambientes, inclusive no topo das montanhas mais altas! Nosso primeiro objetivo foi o Pico Preto, agudo pontão de rocha escura situado atrás do POIT. Sua conquista, pela via *Pirajá* (3º IV-sup, 85 m), deu o tom do que encontraríamos daí para a frente: rocha muito boa e repleta de fendas sólidas, porém também repleta de blocos soltos, muito perigosos, que nos obrigavam a escalar bem devagar enquanto os removíamos. Afinal, seria impensável um acidente sério em local tão remoto! Em seguida fomos para a mais impressionante e difícil montanha da ilha, o Monumento, que coincidentemente é também a mais distante do POIT: com mochila leve, são quatro horas de caminhada puxada, e como lá não há fonte de água permanente, nossas coisas foram levadas num bote da Marinha, e a cena de nossas mochilas e demais volumes pegando onda até a praia, onde os recolhemos, foi bizarra. Montado o acampamento, chegamos a subir cerca de 60 metros da via que havíamos visualizado durante o reconhecimento, mas o tamanho da parede e o escasso tempo disponível nos fez desistir, ao menos desta vez, pois corria o risco de não conseguirmos terminá-la e nem fazer mais nada na ilha, o que seria motivo para cortarmos os pulsos! Assim, um pouco desapontados, mas certos de termos tomado a decisão correta, resolvemos voltar ao POIT, mas uma tremenda ressaca nos obrigou a levar nosso equipamento no lombo por terra, o que nos consumiu três dias – e mesmo assim algumas coisas menos importantes foram recuperadas somente dias mais tarde. Refeitos da roubada, conquistamos em seguida o Obelisco, sensacional pontão de rocha clara muito destacado, de onde parte em direção ao oceano a eriçada "Crista do Galo", um serrote gigante de pequenas agulhas inescaladas. Embora a caminhada até a sua base seja também exigente, parte em cascalheiras instáveis que lembram o acesso às agulhas

do Frey, em Bariloche, a escalada em si foi surpreendentemente fácil: *A Última Cabra* (2º II, 90 m), via repleta de grandes agarras e platozinhos bem localizados. Em seguida, subimos o também virgem Pico do Vigia pela via *A Magia do Tempo* (2º V, 125 m), quase toda bem fácil, porém com uma enfiada final com lances aéreos e muito bonitos. De seu topo se tem uma vista espetacular do Pão de Açúcar e do Pico de N. Sra. de Lourdes ao lado, das praias da Tartaruga e do Príncipe logo abaixo e de toda a Enseada dos Portugueses até o Obelisco e a Crista do Galo. No dia seguinte voltamos para abrir outra via lá, *Castelo de Cartas* (IV, 50 m), cujo nome evoca uma pilha aterrorizante de grandes pedras empilhadas que contornamos pela esquerda. Fechamos nossa viagem com dois dias de escaladas descompromissadas no Morro da Bandeira, a elevação mais próxima ao POIT e onde há, previsivelmente, uma grande bandeira brasileira no topo. É um verdadeiro paraíso de fendas de todos os tamanhos, muito sólidas e com agarras sempre muito bem situadas, o que fez com que todas as cinco vias que abrimos fossem consideravelmente mais fáceis do que pareciam quando vistas de baixo, frustrando nossos planos de fazermos alguma escalada mais forte ali: *A Ilha do Tesouro* (IV, 55 m), *A Estratégia da Lagosta* (IVsup, 35 m), *Moby Dick* (V, 40 m), *Cisne Branco* (V, 50 m) e *Chave de Ouro* (V, 55 m). No total, foram cerca de 600 metros de escalada de qualidade sem um grampo sequer de segurança, apenas com friends e uns poucos nuts de cabo. Onde indispensável para o rapel, instalamos paradas duplas com grampos de titânio, quase todos batidos por compressão, como os nossos tradicionais grampos de 1/2", graças ao bater de desenvolvido pelo Miguelzinho, que funcionou perfeitamente. Agora podemos afirmar que esta técnica já se encontra consolidada, permitindo que se conquiste vias com grampos originalmente desenhados apenas para serem colados. Embarcamos então no veleiro de cruzeiro oceânico que tratamos para nos resgatar lá, o Planckton, e após cinco duros dias no mar chegamos a Vitória, já com saudades da ilha encantada que ficara para trás.



14 anos dedicados a oferecer o melhor para sua aventura.

[www.penatrilha.com.br](http://www.penatrilha.com.br)

**Penatrilha**

Rua Apeninos 803 São Paulo SP  
11 3562 1801

Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente a pedra do Pico, a vinte minutos do BPO e outros points de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lareira. A sua casa na montanha!

#stela

**Picus**.com.br

Abrigo de Montanha  
(35) 8477-5319  
Itamonte - MG



# Casa de Pedra

## Nova via na fronteira sul

Texto: Edson Struminski



Desde o início do ano estou morando aqui em Santana do Livramento na fronteira sul do Brasil, a umas quatro quadras do Uruguai.

Esta região da metade sul do Rio Grande do Sul apresenta uma paisagem típica do Pampa gaúcho, com campos e coxilhas intermináveis, mas às vezes surpreende o visitante com algumas visões inusitadas.

A duas horas e meia de onde moro, a região de Casa de Pedra em Bagé apresenta uma destas visões. Um antigo fundo de lago em um passado remoto que hoje apresenta-se na forma de afloramentos de conglomerado, uma rocha de origem sedimentar formada por fragmentos arredondados de rochas preexistentes, unidos por um cimento de arenito endurecido. As pedras são esculpidas pela ação dos ventos e das águas e tem formas inusitadas e surpreendentes. Não bastasse isto, a região de Casa de Pedra

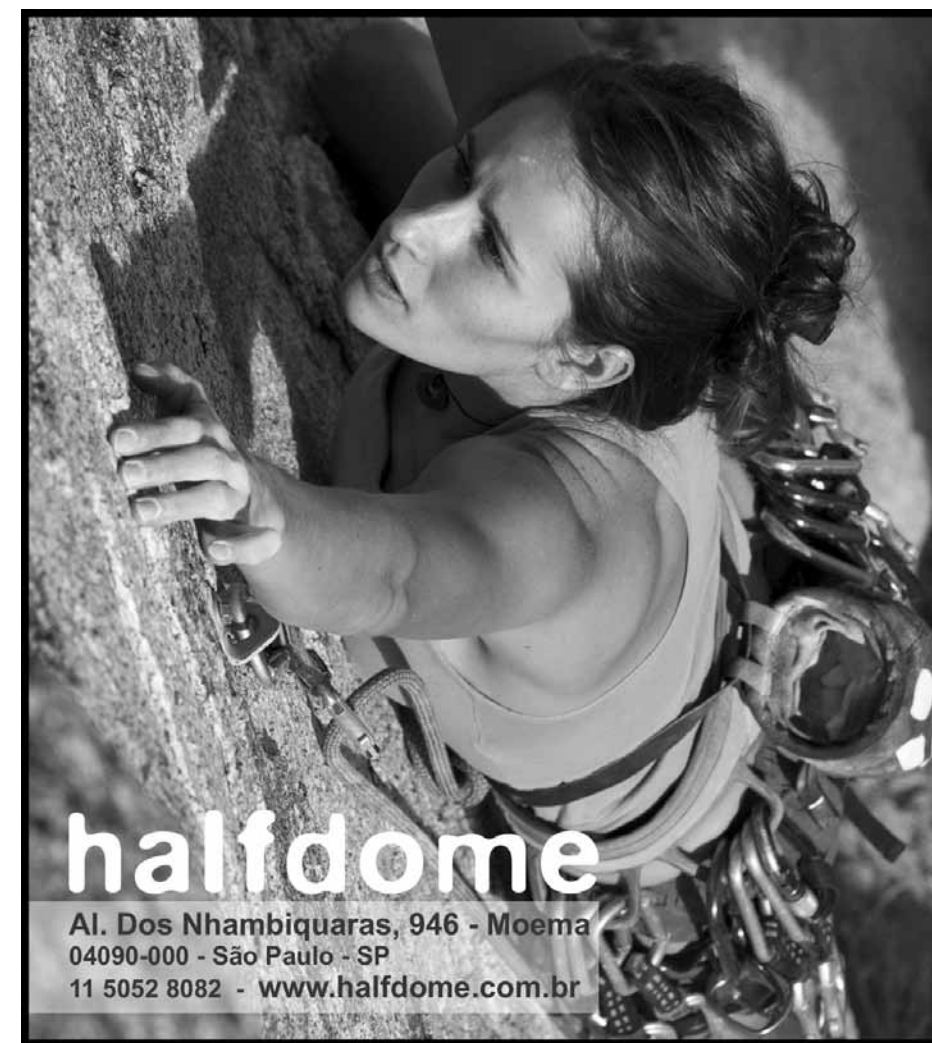
tem um aspecto de "natureza selvagem", tanto quanto isto é possível dentro do bioma Pampa, ou seja, vegetação pouco alterada, animais selvagens, gado semi selvagem entremeado entre as pedras, pouca ou nenhuma gente... Junto com meus companheiros Fabrício Domingues e Miriam Chaudon temos frequentado a região de Casa de Pedra desde o início do ano. Já foi possível experimentar um pouco de tudo: escaladas clássicas do lugar, vias em móvel, escaladas desportivas, caminhadas com sol, com chuva, com frio

de lascar ou calor, marimbondos e estrelas. Depois de vários meses me adaptando a este tipo de rocha, Fabrício me provoca para tentarmos abrir algo novo em Casa de Pedra. Já estávamos partilhando o esforço de equipar o Cerro Palomas, um belo morro testemunho de arenito em Santana do Livramento que se tornou nosso point de escalada, local de aperfeiçoamento de materiais, testes e treinamento, como escrevi em edições anteriores do MV e sentimos que estava na hora de tentar algo nos conglomerados. O primeiro passo foi definir qual seria o estilo que usaríamos para a nova via. Como no Cerro Palomas as vias são curtas (20 m) e geralmente desportivas com chapas, sentíamos a vontade de buscar uma linha maior, com pelo menos duas cordadas, que é o tamanho das maiores pedras de Casa de Pedra. Também preferimos buscar uma nova linha um pouco mais distante do conjunto principal, que pudesse acrescentar um componente aventureiro adicional à escalada e que fizesse jus à tradição local de vias neste estilo. Também buscávamos algo inovador em termos de vias maiores, que por exemplo, somasse algo à tendência que existe hoje no lugar, de mesclar a escalada com chapas com passagens que incluíssem material móvel. Finalmente, considerando a beleza que algumas das pedras deste local tem, ficava o desafio de encontrar uma linha de grande beleza estética em uma face norte, pois estávamos em pleno inverno, que neste ano de 2013 foi bem rigoroso no sul do país. Com tantos requisitos, pareceria um desafio e tanto encontrar a tal linha, mas felizmente ela existia e fica a aproximadamente uns 40 minutos de caminhada (com mochilas pesadas) do local de acampamento, em uma bela pedra chamada Ninho das Águias. Então, estavam lá esperando por nós as tais duas cordadas, com uma fissura de erosão de uns 15 metros no meio da parede, que poderia ajudar a ganhar tempo e dar um tempo extra à via, além de um gigantesco buraco esculpido na rocha, com um platô de uns 300

metros quadrados, que só de pensar já deixava a boca salivando e, finalmente, uma crista. Bem, quem é que já não se enxergou escalando em uma crista de pedra, quem é que nunca sonhou em abrir uma via em crista ou aresta até um cume? Mais clássico que isto impossível. Foram três investidas, a primeira, em pleno inverno, com as mãos congelando, serviu para o ajuste dos equipamentos: broca, furadeira, cliffs, parabolts, chapeletas. Colocamos apenas duas chapas e fizemos um monte de fotos, que serviram para que ficassemos sonhando acordados com os próximos movimentos da escalada, além de tomar contato com uma característica não muito simpática da rocha. Ao contrário do conglomerado a que estávamos acostumados no restante da Casa de Pedra, com os seixos bem destacados em relação ao arenito, nesta parede o arenito ainda se desprendia em placas, formando agarras tenebrosas e inseguras para enganchar os cliffs, mas ideais para uma floresta de bromélias se desenvolver. Então tivemos que escolher uma linha que simplesmente zigzagueasse as bromélias, buscando os claros da pedra. Bem, esta tensão, agarras que quebram, um certo esfarelamento, cliffs inseguros, pés doloridos, bromélias aterradoras, foi acompanhando a segunda investida, ainda na primeira cordada, que surpreendentemente apresentou ainda uma formação incomum neste tipo de rocha, que foi uma delicada rampa de aderência antecedendo a fissura, a qual, para meu alívio, permitiu a colocação de umas três peças e abriu acesso ao super platô. Na terceira investida já estávamos no início da primavera, ou no último dia de inverno, dependendo do ponto de vista. Fazia frio, fazia calor, os marimbondos ora se encolhiam, ora se ouriçavam, eu havia refeito os lances iniciais já chapeleteados, passado pela fissura em móvel, feito mais uma costura com duas peças equalizadas em móvel e agora estava sentado esperando meu parceiro em uma ancoragem natural, uma árvore robusta no fim da primeira cordada, o mega platô estava a meros 5 metros acima, mas nada

indicava que tivesse qualquer tipo de parada natural. Eu especulava quanto mais de tempo, esforço e risco teria ainda pela frente. Pensava nos meus 51 anos recentemente feitos, na distância até a casa da Miriam em Livramento, até a casa dos filhos no Paraná, na Miriam sozinha em baixo da parede, no risco dela ficar embaixo com o tanto de pedras que caíam sem muito controle. Se afinal, fazia sentido subir mais ainda... Fabrício chega e interrompe meus pensamentos. Subimos ao gigantesco platô, árido e belo ao mesmo tempo. Pedras soltas, cactus, marimbondos dormindo. Montamos uma parada com duas chapas de aba dupla para um rapel de emergência. A primeira parada fixa desta parede. Depois disto lá iria eu, pela bela crista de pedra que havíamos enxergado do chão. Ou pensei que iria. A crista de pedra se estendendo parede acima e eu empacado ali, nos primeiros 2 m. As melhores agarras de pé já tinham quebrado, as melhores agarras de mão em um gradativo esfarelar, até que chegou o temível momento sempre solitário da escalada, no qual seus amigos podem apenas assistir e que é aquele em que você estima que tudo o que havia para quebrar ou esfarelar já quebrou ou esfarelou e tem de fazer o próximo movimento, ficando por um lapso de segundos em apenas 3 apoios precários, torcendo para que nenhum destes apoios quebre e que a próxima agarra que você encontrar resista. Simplificadamente isto se chama de "crux" da cordada. Bem, os apoios não quebraram e a próxima agarra resistiu. Assim eu subi mais alguns metros acima deste crux para uma pequena sessão de tortura, que foi a colocação de mais duas chapas crista acima, momento em que a rocha parecia cada vez mais dura e a furadei-

ra cada vez mais mole, ou ambas as coisas... Depois da colocação destas duas chapas, um alívio para meus companheiros tanto quanto para mim, percebi que as chances de chegar ao cume naquele dia (mais duas chapas) se esvaneciam, a menos que as baterias da furadeira fossem recarregadas ou que eu próprio recarregasse as minhas. Assim, voltei ao platô para descansar, enquanto Fabrício ia fazer um resgate de comida e água na base da via. O efeito da comida e do descanso foi tudo naquele momento. Voltei até a última chapa colocada e subi, subi, subi, até bater no cume. Chamei o Fabrício que colocou uma chapa intermediária e depois de alguns engenhosos enjambres elétricos, conseguimos colocar dois parabolts para uma parada de fim de via. Voltamos no dia seguinte para uma sessão final de aperto de chapas e de montagem da parada dupla definitiva no final da via, já com o calor da primavera, que teria sido cruel se tivesse acontecido no dia anterior. Como a pedra é chamada de Ninho das Águias a escalada acabou virando a Via dos Gaviões. Percebi que estava ali vivendo, ainda que em pequena escala, tudo aquilo que o montanhismo sempre representou na minha vida: a aventura da descoberta, o próprio privilégio do descobrimento e também a alegria e a emoção da chegada a um cume. Para cada um de nós que estive ali naqueles dias, Miriam, Fabrício e eu, certamente esta escalada trouxe algo diferente. Vivendo ali, naquele lugar, as emoções da cabeça da cordada e da abertura de uma nova via, estava, no meu íntimo, como que me reencontrando com um amigo que me mostrou estes lugares pela primeira vez, que foi o João Giacchin, hoje uma lenda do montanhismo gaúcho. De minha parte esta escalada é dedicada a ele.



# halfdome

Al. Dos Nhambiquaras, 946 - Moema  
04090-000 - São Paulo - SP  
11 5052 8082 - [www.halfdome.com.br](http://www.halfdome.com.br)



[www.deuter.com.br](http://www.deuter.com.br)

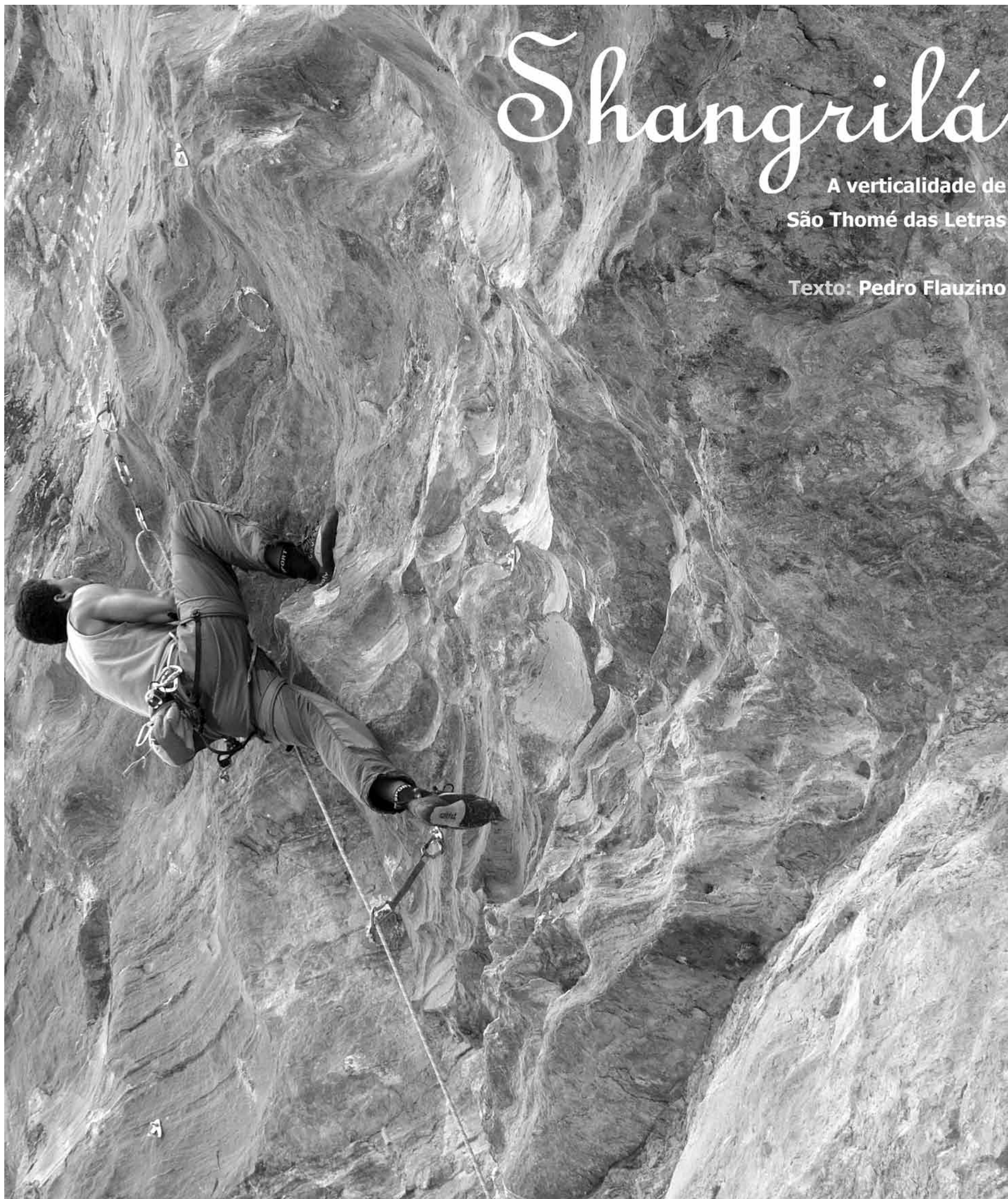
**d**  
deuter



# Shangrilá

A verticalidade de  
São Thomé das Letras

Texto: Pedro Flauzino



Ponto turístico de **São Thomé das Letras**, aliás, talvez seja o mais bonito da cidade, seu potencial para escalada é enorme tanto para boulder, como vias. No ano de 1998 fomos lá pela primeira vez, meu amigo Cauê me levou, ainda não havia nada relacionado à escalada no lugar, claro, quando vi o pico fiquei de cara.

Nesta época o acesso ao lugar era difícil, as estradas ruins, e nós não tínhamos carro, restava apenas o famoso pé2, uma caminhada de 15 km por trilha, que Cauê e eu fizemos muitas vezes, assim foi nossas primeiras empreitadas no pico. Nossa visão na escalada era limitada, a princípio não sabíamos o que fazer, logo então, montamos um top rope de 30m. é isso mesmo, o top mais camicase que já vi, usávamos uma corda estática de 80m. o grande detalhe é que a pedra é negativa. Uma maravilha né? o pêndulo da queda dava uns 10m, e nos lançava no meio dos espinhos. Loucura? Não. Burrice mesmo! Assim começaram as primeiras vias do setor, a lendária *Primitivus* por exemplo, a primeira via que até hoje não teve cadena, não pela dificuldade, apesar de ser casqueira, mas, por tantos acontecimentos que nos desviaram dela. Entre eles a grande quantidade de marimbondos, não pense que é qualquer tipo de marimbondinho. Os bichos são gigantes, nossos confrontos são constantes e tomar picada já é normal, dizem que faz bem. Já tiramos muitos das fendas e tetos mesmo assim ainda tem muito, acho que a causa de tantos marimbondos é o avanço das pedreiras, eles perderam seu habitat natural e infestaram o lugar, que no passado não tinha uma vespa sequer.

Foram tantos os desencontros que interferiram no desenvolvimento do pico. Eu fiquei afastado da escalada por quase seis anos, Cauê foi morar fora, e Shangrilá ficou parado, esquecido no tempo. Mas, como o nome Shangrilá diz, este é um lugar onde o tempo não passa. Em 2010, João Batista (Babú) e eu, retomamos as conquistas no pico, abrimos as vias *Principio ativo* e *Menina de ouro*, e começamos outras linhas, inclusive uma recém terminada, hoje conhecida como *Jandaia*, mas que no passado teve um nome muito sinistro, era conhecida como *Forca*, até no croqui antigo estava assim, esse nome se deu devido a uma queda no dia da conquista, estava eu progredindo em um

criffalon, já a uns 2 metros da ultima chapa fixada, quando acabei de furar onde colocaria outra proteção, o cliff estourou, e a fita da furadeira estava passada no meu pescoço... É! Já dá pra imaginar o que aconteceu, fiquei preso pelo pescoço, e pra completar meu segurança (João Batista) estava olhando pra baixo, foram segundos intermináveis, quando me soltei meu capacete acertou a testa do João Batista no momento que ele olhou pra cima, no fim foi só susto, e algumas marcas no pescoço, que ficou travado por alguns dias.

No festival de 2012, Serginho do Rio de Janeiro e eu abrimos a "*Racha Pitanga*", agora em 2013, Thiaguera, João Batista (Babú) e eu (Fabiano) retomamos as conquistas, estamos arrumando as trilhas de acesso e abrindo novas linhas, com o objetivo de organizar o setor. Pretendemos até o festival abrir mais 20 vias com o apoio da primitivus eco aventura e UMES montanhismo, que têm descolado as chapas, a furadeira e a mão de obra. Quem pensava ter visto tudo que São Thomé tinha a oferecer na escalada não tem idéia do point que tem sido preparado, vias e boulders de ótima qualidade, linhas perfeitas. Demorou um pouco para acertarmos a pegada, mas agora esta ficando show, vias bem protegidas, agarras bem coladas, esse também era um serio problema, pedras e agarras soltas, mas, com o trabalho da galera estão surgindo linhas lindas e sólidas.

Vias prontas: antiga *Primitivus*, via dos *P 5°sup*, *Principio Ativo* 8a, *Jandaia* 7b, *Mega Mente* 6°sup, *Racha pitanga* 7b, "*Menina de Ouro* 8a,"*Alaska* 9a, fora as linhas que estarão sendo equipadas, em junho de 2013, temos três linhas para acabar, dois possíveis 9a, e uma que ainda não sabemos, também na casa dos 9a, boulders são mais de 30, com possibilidade de abrir muito mais. Shangrilá tem muito a oferecer, o setor é alucinante, a cachú ao lado com vários pontos onde é possível se refrescar e o visual é astral. O lugar é demais, a galera que conheceu sabe o poder do lugar. Pode aguardar

galera, vem chegando mais um point de escalada pra somar! Inclusive nos próximos Festivais de Boulder de São Thomé das Letras terá um dia reservado pra galera ir conhecer o pico! Esperamos a presença de todos para essa grande festa! Kamon!







# Escalando a Deusa Turquesa

Texto: Lisete Florenzano

Todos nós sonhamos com algo, mas muitas vezes deixamos que a vida nos carregue e acabamos nos esquecendo do que, um dia, desejamos. Há muitos e muitos anos, li um livro - All 14 eighthousanders - de Reinhold Messner, sobre sua escalada de todas as montanhas com mais de 8.000m. Me lembro de ter ficado deslumbrada com aquele mundo de neve, gelo, botas, crampons e falta de oxigênio. Ao mesmo tempo, achei que aquilo era um sonho impossível... na época, eu morava em Analândia, interior de São Paulo e minha realidade era terminar meu mestrado e escalar em rocha, no Cuscuzeiro.

Creio que a escalada do Cho Oyu começou lá, naquele ponto da minha vida. Não que eu soubesse que um dia escalaria uma dessas montanhas, mas creio que o sonho, ainda que aparentemente impossível, havia se criado em minha mente.

## A Aproximação

Katmandu (1.400m) – Zhangmu (2.300m) – Nyalam (3.500m) – Tingri (4.300m) – Acampamento base Chinês (4.900m) – Acampamento intermediário (5.100m) – Acampamento Base do Cho Oyu (5.700m) A escalada do Cho Oyu tem algumas peculiaridades. Primeiro, todos os acampamentos são muito altos. Ter o acampamento base a 5.700m é difícil! Nessa altitude (mais alto que o Mt. Elbrus na Rússia, para se ter uma idéia...) nosso corpo nunca descansa e nunca estamos 100% aclimatados. Outra peculiaridade é que vamos de carro por um longo trecho, de Katmandu no Nepal até o chamado Acampamento Base Chinês (no Tibet / China). Como ganhamos altitude muito rápido – saímos de Katmandu a 1.400m e entramos no Planalto Tibetano, a 4.000m - temos que parar no caminho em algu cidades tibetanas (ou chinesas) e passar nelas alguns dias, para fazer caminhadas de aclimação. Passamos uma noite em Zhangmu, duas noites em Nyalam e duas noites em Tingri. Só depois é que seguimos ao Acampamento Base Chinês, a 4.900m. A partir do Acampamento Base Chinês, onde passamos 4 noites (mais caminhadas de aclimação), seguimos finalmente caminhando rumo ao Acampamento Base do Cho Oyu. Paramos num acampamento intermediário e somente no dia seguinte é que chegamos no Acampamento Base do Cho Oyu, a 5.700m, que seria nossa "casa" no

próximo mês. A caminhada até o Acampamento Base do Cho Oyu começa por uma estrada de terra e depois de algumas horas finalmente entramos numa trilha em meio à moraina lateral do glaciar que desce das montanhas. Sinto finalmente a sensação de estar "na montanha". A paisagem muda radicalmente, os picos estão cada vez mais próximos, podemos finalmente ver o glaciar e o famoso Nangpa La – o passo por onde os mercadores tibetanos seguiam com destino ao Nepal. Hoje em dia essa passagem é proibida pelo governo chinês. Quando chegamos, toda a estrutura de nosso acampamento já está montada: cozinha, barracas, barraca refeitório, barracas banheiro, barraca chuveiro. Somos ao todo 11 escaladores, 6 sherpas, um cozinheiro, um assistente de cozinha e 2 guias.

## Acampamento Base

Na escalada de alta montanha, passamos muito tempo no acampamento base. Isso porque, no geral, para cada dia que passamos na montanha temos que voltar e descansar pelo menos o mesmo número de dias no base. O campo base acaba sendo nossa "casa" na montanha. É lá onde conseguimos dormir melhor, comer "comida de verdade" (e não só snacks e comida liofilizada), onde conseguimos tomar um banho, lavar roupas e outras coisas cotidianas. Lá, os dias seguem mais preguiçosos. Apesar de sempre acordarmos cedo, em geral o dia segue relax. Sempre arrumamos algo pra fazer... alguns preferem ficar na barraca lendo ou assistindo um filme (no computador, ipad, iphone...), outros vão fazer visitas às outras expedições que tb estão no cam-

po base, outros jogam baralho. Cada um tem a sua barraca, o que é um luxo!

## A Escalada

1º Ciclo: 2 noites no campo 1 (6.400m) e retorno ao Acampamento Base (AB)  
 2º Ciclo: campo 1 – campo 2 (7.200m) – campo 1 – retorno ao AB  
 3º Ciclo, ou ciclo de cume: campo 1 – campo 2 – campo 3 (7.600m) – ataque ao cume (8.201m) / campo 1 – retorno ao AB  
 A escalada começa com o Puja, a cerimônia de oferenda aos deuses das montanhas. Ninguém sobe a montanha antes do Puja, principalmente os sherpas. Nosso Puja foi num dia de muito frio e neve e demorou aproximadamente 3 horas. Eram 15 divindades e por isso demorou tanto. No fim, todos recebem um punhado de tsampa, um tipo de farinha, que jogamos uns nos outros. Ficamos com os cabelos e rostos brancos, o que simboliza a chegada da idade... e desejamos "long life – vida longa" uns aos outros. Todos ficam de certa forma emocionados. Para mim, que sempre ouvia falar no Puja, fazer parte dessa cerimônia foi bastante especial. A escalada é feita em ciclos. Para o Cho Oyu, tivemos 2 ciclos de aclimação e depois o ciclo do cume. No primeiro ciclo, o objetivo é chegar no campo 1, a 6.400m. O caminho é pela moraina, um misto de pedra e gelo. Depois de algumas horas, chegamos na parte final com uma inclinação bem forte para chegar no campo 1. Eu já estava andando devagar pois senti que minha energia não estava 100%. Mas estava num ritmo razoável. Fiz a besteira de não comer nem beber o suficiente durante a caminhada pelas pedras... mesmo com

dessa forma. Apenas o desconforto é muito grande... Mas no dia seguinte já estava me sentindo bem e fizemos uma caminhada de aclimação. Fomos até a base do ice cliff, uma parede vertical de neve e gelo que fica já na subida para o campo 2. Fomos até onde as cordas já haviam sido colocadas pelos sherpas. Ficamos lá por um tempo e voltamos ao campo 1 para a segunda noite nessa altitude. Dormi bem e no dia seguinte voltamos mais uma vez ao nosso acampamento base.

Chegamos lá, felizes (afinal para nós era como se fosse um hotel 5 estrelas...), e de repente percebi uma movimentação estranha, principalmente entre os sherpas que estavam lá e Mike, o guia principal. Havia acontecido uma avalanche, no trecho do ice cliff, onde os sherpas estavam trabalhando na fixação da cordas. As informações não chegavam com precisão, o que deixava todos bastante apreensivos... não havia resposta pelo rádio. Depois de uns 30 minutos, conseguimos finalmente ter alguma notícia concreta: um dos sherpas da Adventure Consultants estava guiando a cordada e uma placa de neve se descolou, vindo para cima dele. O nosso sherpa, Karma Rita, estava dando segurança. O primeiro levou uma pancada mais séria na cabeça e Karma Rita teve um corte feio no dedo, e machucou o joelho e a cabeça – apenas superficialmente. Foi um corre-corre dos sherpas para subir ao campo 1 naquela tarde, para trazer os dois machucados. Esses seres humanos fora do comum conseguem subir em 1h20min o que nós, meros mortais, fazemos em 4 ou 5 horas. Assim, no começo da noite vimos Karma Rita chegar no acampamento. Ele estava com uma expressão de medo no rosto, com a mão toda enfaixada e muitos ajudando ele a andar. Todos entraram na barraca depósito com Mike e Peter e lá ficaram. Peter, como é enfermeiro, cuidou dos ferimentos e assim o sherpa não precisou voltar a Katmandu. Depois recebemos a notícia de que o sherpa da Adventure Consultants, que seguiu para Katmandu para os devidos cuidados médicos, estava bem. Respiramos aliviados por saber que, no fim, tudo havia acabado bem. Passamos três dias no acampamento base, para recarregar nossas energias de novo. O cozinheiro da expedição, Kaji, era ótimo! Conseguia preparar desde pizza a dal bhat

(prato típico nepalês: arroz, lentilhas e legumes no curry) maravilhosamente bem. Assim, sempre que voltamos ao base, aproveitamos para comer bem. Nos campos altos, é praticamente impossível repor toda a energia gasta durante a escalada. Primeiro porque o gasto calórico é muito alto e a comida que carregamos acaba não tendo tantas calorias, e depois porque realmente não temos apetite. Comer é sempre uma preocupação lá em cima, mas conseguir comer é que é o problema... No base também dormimos bem melhor, o que é fundamental para o corpo.

Nesses dias no base, uma das atividades foi fazer um teste com as máscaras de oxigênio e aprendemos a lidar com os cilindros e reguladores. Os cilindros pesam 7kg, são bem grandes. A orientação foi que subíssemos a um fluxo de 3 litros por hora. Dessa forma, nosso O2 iria durar em torno de 10 horas. A logística aqui foi diferente da maioria das expedições: o sherpa não iria carregar um segundo cilindro para nós, escaladores. Éramos "auto-suficientes" em oxigênio, mas não podíamos demorar demais em chegar no cume, sob o risco do cilindro esgotar e não termos tempo de voltar ao campo 3 pelo menos. Outras expedições usam cilindros menores, de 4kg, mas que duram menos. Assim, em algum ponto na montanha, os escaladores têm que trocar o cilindro (muitas vezes carregado pelo sherpa que acompanha o escalador) para ter autonomia suficiente para toda a subida e descida. O grande problema, caso o O2 acabe, é que nosso corpo definitivamente não está aclimatado àquela situação. O corpo entendeu que existe O2 suplementar e se ajusta a essa realidade. Se a pessoa demora demais (o que já não é um bom sinal...) e o O2 acaba, ela vai entrar numa zona de risco altíssima... pois a probabilidade dessa pessoa já estar cansada demais (e portanto a lentidão maior que o normal) é grande, e sem o O2 a chance de exaustão completa é gigante. Muitos acidentes em alta montanha acabam acontecendo por essa razão... O tempo estava bom, o que nos permitiu entrar na montanha para o segundo ciclo de aclimação. O objetivo era passar uma noite no campo 1, uma noite do campo 2 (7.200m), voltar a dormir no 1 e descer ao campo base. Desta forma, estaríamos aclimatados a essa altitude e preparados para o ciclo do cume. Havia, nas previsões de tempo, uma tem-

pestade forte se aproximando. Sabíamos que não chegaríamos enquanto durasse este segundo ciclo de aclimação, mas a previsão era que viria logo depois desse ciclo. Por essa razão, algumas expedições optaram por fazer o ataque ao cume já neste segundo ciclo. Já nossos guias decidiram fazer como o planejado – segundo ciclo e só depois o ciclo de cume.

Assim, no dia 24 de setembro seguimos novamente rumo à montanha. A caminhada ao campo 1, pela moraina, era sempre o pior trecho, o mais chato de passar. Mas fomos bem mais rápidos que no ciclo anterior e em aproximadamente 4 horas estávamos no campo 1. Me sentia super bem e tive uma boa noite de sono. No outro dia, seguimos ao campo 2. Esse trecho da escalada era um dos mais aguardados, pois sabíamos que havia uma parte mais difícil devido à inclinação quase vertical, o chamado ice cliff. Foi aí que havia acontecido a avalanche, alguns dias antes, quando os sherpas fixavam as cordas. Mas, no fim, eles abriram a rota de subida contornando pelo outro lado e evitando assim o trecho mais suscetível aos deslizamentos. Toda a subida ao campo 2 teve uma inclinação mais pesada do que esperávamos. Saindo do campo 1 a subida já ficava mais forte, até finalmente chegarmos no ice cliff. Para mim, apesar da dificuldade e do cansaço (a falta de oxigênio nessa altitude é grandel!), foi uma das partes mais divertidas da escalada. Passar pelo ice cliff exige mais técnica, além de mais energia. Mas não era um trecho tão longo, e logo depois havia uma parte mais plana onde paramos para descansar. Na sequência, havia uma longa subida, com uma inclinação razoável, que para mim foi mais extenuante que o próprio ice cliff. Fui devagar e finalmente cheguei no campo 2, que alívio! Havia batido meu record de altitude, que antes era 6.800m (escalando o Aconcagua)! Estava a 7.200! Eu o record do Agnaldo também... nos demos os parabéns e já entramos nas barracas, para começar as funções "domésticas". O primeiro passo é pegar neve, em grandes sacos. Depois, acender o fogareiro e começar a derreter a neve para termos água. Essa função demora praticamente o tempo todo, até a hora de dormir. Isso porque, enquanto derretemos a neve, também estamos consumindo a água que acabamos de conseguir (uma das grandes preocupações é a hidratação). Além disso, usamos essa água para preparar nosso jantar e também já deixamos as garrafas cheias para que, na manhã seguinte, não seja preciso gastar tanto tempo nessa atividade.

Nessa subida ao campo 2, praticamente metade de nosso grupo não conseguiu chegar. Como estavam mais lentos, foram até o ice cliff e acabaram voltando ao campo 1 para dormir. No dia seguinte, quando estávamos voltando ao campo 1, encontramos alguns no caminho e acabamos descendo juntos para mais uma noite no campo 1. Seguindo nossos guias, essas pessoas tinham ainda condições de fazer o cume, sem problemas. Claro, o ideal era ter chegado no campo 2 para dormir, mas não chegar lá não era um impedimento para tentar o cume. Fiquei mais tranquila com essa notícia... numa expedição tão longa, acabamos criando laços com todos do grupo e torcemos para que todos consigam chegar no cume. Apesar de saber que isso é difícil de acontecer...

Na descida ao campo 1, me senti extremamente cansada. As pernas não obedeciam muito as ordens do cérebro e dobravam de cansaço, o que acabava me fazendo cair sentada várias vezes... Encontrei o Agnal-

do, que também estava mais lento que de costume e comentei isso com ele. E ele estava na mesma situação... muito cansaço! Cheguei no campo 1 aliviada, mas ao mesmo tempo preocupada: se estava me sentindo cansada aqui, será que teria condições de chegar no cume? Conversei com Mike e com um de nossos sherpas sobre esse cansaço, e os dois me disseram a mesma coisa: muitas vezes a noite no campo 2, por ser muito alta, não permite que nosso corpo descanse o suficiente. Assim, o resultado é esse cansaço acumulado no dia seguinte. Já a noite no campo 1 foi tranquila e no dia seguinte já me sentia bem melhor. Desceamos novamente para o base. Eu estava novamente feliz por poder comer e dormir bem, mais uma vez.

Ficamos 4 dias no base, para descanso. Nos dois primeiros dias eu não tinha vontade de fazer nada, apenas comer e dormir. Acho que todos estavam assim, pois o acampamento estava mais silencioso e tranquilo que o normal. A partir do terceiro dia já estava na rotina de sempre: café da manhã, bate papo no sol, almoço, jogar cartas, descansar na barraca antes do jantar, jantar e dormir. A previsão do tempo ainda falava sobre a tempestade, mas o tempo continuava firme na montanha. Os guias e sherpas decidiram o dia de nossa subida para o ciclo do cume: dia 28 de setembro. Confesso que tive aquele frio na barriga... finalmente chegava esse momento que eu havia esperado tanto! É um misto de apreensão, ansiedade e um certo medo, misturado com a vontade de ir e fazer uma boa escalada. Me lembro que, numa noite após o jantar, o céu estava completamente limpo e dava para ver milhões de estrelas. Fiquei lá olhando o céu, num daqueles momentos mágicos em que se consegue simplesmente estar presente, no momento presente. E me veio à cabeça tudo o que me havia trazido para essa escalada. O meu treinamento, to-



**RESSOLE SUA SAPATILHA NA**

- 15 anos de experiência no mercado**
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas**
- O menor prazo de entrega do mercado**
- Ressolamos com XS Grip Vibram**
- Pronta para sua cadena**

**ACEITAMOS  
SERVIÇOS  
DO BRASIL  
E EXTERIOR**

Mais informações  
[www.bele.com.br](http://www.bele.com.br) ou  
ligue para 11 82446672



das as escaladas anteriores, tudo... tive uma certa "certeza" de que tudo estava bem, que tudo daria certo, independentemente dos resultados. E fui dormir tranquila...

No dia 28, seguimos finalmente para o ciclo de cume. O cronograma era: dormir no campo 1, dormir no campo 2, seguir para o campo 3 e chegar lá em torno de 4pm, descansar já usando oxigênio, levantar às 10:30pm para começar o ataque ao cume à meia-noite.

Durante a caminhada ao campo 1, numa das paradas de descanso, o Lui nos disse que iria desistir. Eu e Agnaldo levamos um susto e tentamos conversar, para que ele continuasse na escalada. Mas vimos que ele estava decidido, não tinha muito o que falar. Eu estava super emocionada e triste, vi que os dois também estavam... eu já havia imaginado o trio brasileiro no cume, e agora isso não iria mais acontecer! Eu sabia, também, que esta escalada era importante para ele... fiquei muito, muito chateada. O Lui foi conversar com os guias e avisar de sua desistência. Não tinha nada que eu pudesse fazer, apenas desejar a ele um bom retorno. Assim, fomos em direções opostas... ele voltou dali mesmo ao campo base e nós começamos a subir a parte final, para chegar ao campo 1. Foi um grande esforço que focar novamente na montanha e na escalada...

No campo 1, nessa noite, tive uma forte dor de cabeça. Foi um tanto surpreendente, já que teoricamente eu já estava aclimatada a essa altitude. Mas enfim, a lógica não funciona bem na montanha. Acabei acordando cansada mas segui ao campo 2. Me senti muito mais cansada que no segundo ciclo e comecei a ficar realmente preocupada. É inevitável surgir a dúvida: será que vou dar conta??? Mas cheguei bem no campo 2. Começamos as funções de sempre, derreter a neve, jantar, descansar. Durante a noite, novamente fortes dores de cabeça. Eu não estava acreditando... meu estoque de analgésicos já estava quase acabando! Claro, no dia seguinte eu estava me sentindo super fraca, cansada. Estava triste, pois achei que eu não iria conseguir chegar ao campo 3 e muito menos no cume. O Agnaldo apareceu na minha barraca, conversamos. Depois o Mike veio conversar, e me perguntou: vc acha que consegue ir para o campo 3? Fiquei com medo de que ele pudesse me cortar do ataque ao cume, que ele me dissesse que eu teria que descer. Respondi com a maior firmeza que pude naquela hora, que sim. Ele respondeu que, caso eu não me sentisse bem e precisasse voltar, não haveria problema. Isso eu sabia... o que eu não sabia era se teria condições de fazer o ataque ao cume ou não... Pedi ao Mike para sair um pouco depois que o grupo, ele concordou. O Phunuru, nosso sardar (chefe dos sherpas), iria seguir comigo.

Terminei de montar a mochila e finalmente começamos a caminhar. Eu estava com a energia super baixa e segui bem devagar. Podia ver o grupo andando na frente, mas não estava preocupada em alcançá-lo. Só me concentrava nos passos e na respiração: um passo, 3 respiradas. Apesar de ser uma distância curta e pouco ganho de altitude do campo 2 ao 3, a inclinação é pesada. Além disso, estar a mais de 7.000m já é um esforço enorme para o corpo. Eu ia devagar para poupar minha energia... não queria chegar exausta no campo 3, pois isso definitivamente poderia me custar o cume.

Mais ou menos no meio do caminho, perguntei ao Phunuru quanto tempo faltava para chegarmos. Ele pensou e disse: 3 horas e meia. Já era 2 da tarde, o que significava chegar no campo 3 quase 6pm!!! Isso seria tarde demais, já que eu teria muito pouco tempo para descanso... Comecei a avaliar

friamente minhas condições, que não eram nada boas. Percebi que não iria valer a pena e o esforço de fazer o ataque ao cume, pois eu não teria a menor condição de conseguir. Quando eu ia falar ao Phunuru que iria desistir, me deu um "click" difícil de explicar... uma mistura de raiva comigo mesma e da situação, e aquela sensação do "não vou desistir agora". Pensei comigo "vou chegar no campo 3 nem que seja arrastada, e não vou demorar 3 horas e meia. Posso não chegar no cume, mas vou chegar no campo 3". Com isso na cabeça, comecei a andar bem mais rápido do que estava andando até então. Claro, fiquei mais ofegante, mas consegui colocar um ritmo na subida e fui. Finalmente, às 4:30h cheguei no campo 3! Eu não conseguia acreditar, nem pensar direito... Vi o Mike andando na minha direção e me dando os parabéns por ter conseguido. O Agnaldo começou a gritar da sua barraca: "cara, vc conseguiu, que animal!!!!". Fiquei feliz comigo mesma... Entrei na minha barraca (que iria dividir com Matt e Marc) e já coloquei a máscara de oxigênio. Deitei, me agasalhei melhor e tentei descansar. O Marc estava na função de derreter neve, o Matt estava organizando melhor a barraca (com 3 pessoas fica bem apertado, principalmente porque as roupas – macacão de pluma – e os sacos de dormir são muito volumosos).

Preparamos algo para o jantar (um tipo de comida liofilizada) e fomos dormir. Consegui dormir bem, dentro das possibilidades. Às 10:30pm o despertador tocou e começamos toda a função de nos prepararmos para a saída. Macacão de pena de ganso, vestir a cadeirinha, derreter neve, pegar alguma comida para levar, lanterna extra, preparar o cilindro de oxigênio (pesa 7kg)... muitas e muitas funções, que naquela altitude, dentro de uma barraca apertada, levou muito tempo para serem resolvidas. Finalmente depois de comer algo, saí da barraca e comecei a andar. Era em torno de meia-noite. Estava frio, mas com o macacão de pena de ganso eu estava até com um pouco de calor ( devia estar em torno de -25 graus, sem nenhum vento). Comecei a andar devagar, pois ainda não sabia como meu corpo iria responder. Nisso, Matt e Marc passaram por mim, com dois sherpas. Algumas pessoas de nosso grupo já estavam caminhando. Eu ainda estava me ajeitando com tudo, principalmente com minha máscara, que ficava escorregando um pouco. Passei por vários escaladores chineses que estavam mais lentos, outros me passaram... finalmente consegui colocar um ritmo na minha caminhada. Quando vi, estava numa longa fila, na corda fixa. Devia ter umas 30 pessoas na minha frente. O engarrafamento era devido ao trecho mais técnico de toda a escalada, a Yellow Band – um trecho vertical de rocha, com mais ou menos 7 metros de altura. Na sequência havia uma pequena travessia e logo uma outra parte vertical de neve e algumas rochas. Tudo isso fazia com que os escaladores fossem mais devagar, formando esse gargalo. Fiquei pacientemente na fila, olhando tudo ao meu redor. Caiu a ficha que estava escalando um 8.000m, que tudo aquilo que um dia eu havia lido, estava acontecendo! Até essa espera me pareceu mágica... eu estava vivenciando um sonho! O céu estava estrelado mas com alguma névoa, a fila "luzinhas" subindo a montanha - para mim tudo aquilo era muito bonito. Chegou finalmente minha vez de passar a Yellow Band. Tentei alguns movimentos usando a piqueta e o jumar na corda fixa, e vi que não daria certo. Acabei deixando ela de lado e subi como se estivesse escalando em rocha mesmo (mas com botas triplas e crampons, não é muito "confortável"). A rocha era sólida, o que me deu confiança de subir assim. Tinha uma grande ponta do lado esquerdo da parede, que era um

agarrão dos melhores! Nem me pendurei na corda fixa para subir, como a maioria vez. Minha opção foi boa, pois terminei esse trecho sem estar muito ofegante. Entrei na travessia e logo estava no segundo trecho vertical, de neve. Escaléi usando a piqueta e rapidamente havia vencido a parte mais difícil da escalada. E para mim, a mais bonita de todas... eu estava super focada, já não pensava em quase nada. Comecei a andar num ritmo muito bom, me distanciei das pessoas que estavam atrás de mim. De repente percebi que eu estava sozinha, sem sherpa, guia, amigos da expedição. Foi uma sensação indescritível! Senti que estava conectada à montanhas, estava lá de corpo e alma... tudo era lindo, eu estava presente no momento presente. Naquele momento, eu não me lembrava mais da existência de um cume. Eu ia subindo, sem me preocupar com nada... me sentia super bem e forte. Via as outras pessoas subindo, muitos sem oxigênio, com admiração... via nos rostos o tremendo esforço que estavam fazendo. Encontrei a Heidi, minha companheira de barraca que estava escalando sem oxigênio. Conversamos, ela disse que estava com muito frio e muito cansada. Dei para ela uma bala (eu andava com um estoque nos bolsos! – Irivan, valeu pela dica!!!) e continuei seguindo.

A noção de tempo é muito diferente nessa altitude. Eu não tenho na memória essa ideia do "quanto tempo passou". Me lembro apenas de, num certo ponto, o céu estar mais claro. Parei para olhar e finalmente vi onde eu estava... uma rampa mais ou menos inclinada, e atrás de mim o vale com inúmeras montanhas, todas abaixo de mim. Pensei "nossa, estou muito alto!". Os picos começaram a ficar iluminados, cada vez mais... parei para olhar, era maravilhoso! Comecei novamente a andar, com a neve azul e o céu rosado pela luz do amanhecer. Tudo era mágico, eu estava totalmente encantada com tudo o que via... não me lembro de ver algo tão bonito na vida! De repente, como se tivesse saído desse mundo de encantamento, vi algumas pessoas descendo e se aproximando de mim. Era o Mike, nosso guia. Ele me viu, me deu um abraço e disse: "vc está aqui! Tive medo que não fosse conseguir... Parabéns, vc está há 15 minutos do cume! Vc conseguiu!". Cumprimentei os escaladores que estavam com ele, e comecei a andar novamente. O conceito "cume" havia ressurgido em minha mente e agora era lá que eu queria chegar. Mas eu estava feliz, muito feliz e não sentia cansaço nenhum. Vi então o Agnaldo descendo. Que alegria, ele havia chegado no cume e estava bem! Nos cumprimentamos, ele disse que estava muito frio em cima. Continuei sua descida e eu, minha subida. Encontrei logo mais o Peter, nosso segundo guia, ainda subindo. Seguimos juntos e finalmente, às 6am, chegamos no cume do Cho Oyu! De lá é possível ver o Everest, que estava no meio de uma névoa fina e dourado pelo sol nascendo. Não fiquei tão emocionada como achei que ficaria... eu estava ainda nesse estado de magia, conectada a montanha. Tudo era divino... Realmente no cume o frio estava bem mais intenso, o que fez com que a bateria de minha câmera descarregasse (apesar de todos os cuidados que tomei). Peter tirou as fotos com sua câmera e ficamos lá talvez uns 15 ou 20 minutos (tirei a mochila e a máscara, queria sentir os 8.201m!). O frio nos fez andar novamente. Mochila nas costas, máscara no rosto e começamos a descida. Eu estava andando rápido e tinha que esperar por ele, as vezes. Mas fomos bem até o campo 3. Lá chegando, esperei o Matt e Marc empacotarem suas coisas para que eu pudesse entrar na barraca. Estava já com muito calor por causa do macacão de pena, queria me trocar. Coloquei uma roupa mais leve, segui finalmente comer alguma coisa e me hidratar. Os sherpas já estava desmontando o acampamento e assim seguimos ao campo 2. Como ainda tinha oxigênio

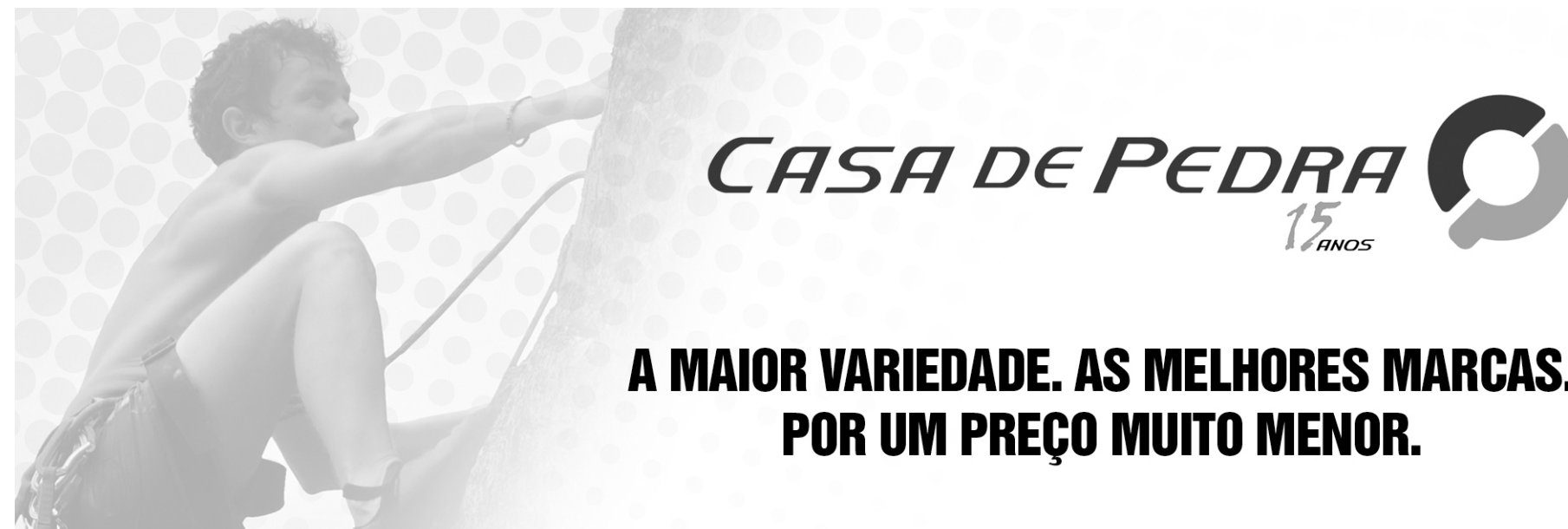
em meu cilindro, desci com a máscara. No campo 2 tivemos mais tempo para descansar e comer. Estávamos todos cansados e o corpo pedia uma parada. Alguns colocaram o isolante na neve e deitaram ali mesmo, outros entraram na barraca para o descanso. A Heidi, que conseguiu fazer o cume sem O2, estava na barraca – muito cansada pelo esforço todo, e só dormia. Eu tb deitei e consegui dormir um pouco. Acordamos e depois de comer alguns snacks, continuamos a descer. Apesar da distância, iríamos dormir no campo 1. Não era boa ideia permanecer no campo 2, pois a essa altitude (7.200m) nosso corpo não iria conseguir se recuperar do esforço do dia de cume. Nossos guias nos disseram que, se fôssemos no 2, provavelmente no dia seguinte estaríamos nos sentindo pior que antes. Assim, juntamos nossas coisas e descemos. Agora eu sentia muito cansaço, as pernas de vez em quando "falhavam" – dobravam sem querer e bum! caía sentada na neve. O Agnaldo disse estar também cansado, e assim fomos juntos. Foi uma lóoounga descida, o campo 1 não chegava nunca!!! Mas, finalmente em torno das 5:30pm chegamos... que alívio! Depois de um dia de praticamente 18 horas de escalada, só queria entrar na barraca e dormir... os guias derreteram neve para todos e, depois de comer meu jantar, dormi profundamente.

No dia seguinte, continuamos a descida, finalmente para o campo base. Os sherpas já haviam descido no dia anterior com mochilas gigantes (barracas do campo 2 e 3, cilindros de oxigênio e outras coisas mais). Mas, para irmos mais leves, deixamos várias coisas nas barracas do campo 1, para que os sherpas carregassem para nós no dia seguinte. Chegamos no campo base em torno de 1pm. A neve começava a cair, o céu estava bem fechado. Era a tal tempestade, que havia chegado. Tivemos o tempo exato para o ciclo do cume, que maravilha! Depois do almoço, eu só podia pensar em dormir. Creio que, neste dia, foi basicamente o que fiz... comer e dormir! A noite, tivemos um bolo preparado por nosso grande cozinheiro, além de refrigerantes e cerveja. Comemoramos com todos da equipe... sherpas, cozinheiro e guias, pessoas que foram fundamentais para nossa escalada.

Ficamos dois dias no campo base, para que a logística do retorno fosse esquematizada. Foi ótimo, esses dias de descanso valeram a pena. Finalmente os yaks começaram a chegar, e senti uma certa tristeza... a expedição tinha terminado. Apesar de querer voltar para os luxos da civilização, me senti triste. No dia 5 iniciamos o retorno. Seriam 2 dias até chegar em Katmandu. Mas eu já sabia que meu coração havia ficado, definitivamente, nas montanhas.

#### Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que acompanharam nossa expedição, e que torceram para nosso sucesso! Foram muitas as mensagens que recebi... não pude responder a todos, mas saibam que adorei ler e saber da torcida, de coração! Agradeço as pessoas que, de forma mais direta, fizeram com que esse sonho fosse possível: Ricardo Lima (graaaaando personal!), Viviane (querida profa de Pilates), equipe da Academia Iron, Dr. Masseo (fundamental para os cuidados com meus joelhos). Many many thanks ao Manoel Morgado, pelo incentivo e pelos equipamentos, e ao Irivan Burda, por todas as dicas (as balas foram fundamentais!) e empréstimo dos equipamentos! e obrigado aos guias Mike e Peter, a todos os nossos sherpas, Kaji e seu assistente. A todos os amigos da expedição, que dividiram essa experiência comigo. Obrigada, de coração, ao grande parceiro Agnaldo. Valeu amigo, conseguimos! Que venham as próximas...



# CASA DE PEDRA

15 ANOS



## A MAIOR VARIEDADE. AS MELHORES MARCAS. POR UM PREÇO MUITO MENOR.

por: \$ 149,00	por: \$ 174,99	por: \$ 269,90	por: \$ 9,00	por: \$ 399,00	por: \$ 599,00	por: \$ 112,00	por: \$ 463,00	por: \$ 522,20	por: \$ 379,00

por: \$ 270,00	por: \$ 549,00	por: \$ 98,80	por: \$ 449,00	por: \$ 320,00	por: \$ 749,00	por: \$ 255,00	por: \$ 476,00	por: \$ 132,00	por: \$ 369,00

por: \$ 529,00	por: \$ 269,09	por: \$ 28,50	por: \$ 49,00	por: \$ 99,00	por: \$ 389,00	por: \$ 849,00	por: \$ 345,80	por: \$ 399,00	por: \$ 302,29



Rua André Gonçalves, 49 Itaim Bibi São Paulo www.casadepedra.com.br Fone: 11 3047 2494





# Chapada dos Veadeiros

Texto + Imagens: **Alberto Ortenblad**

A Chapada dos Veadeiros é uma região muito bonita, com campos altos de cerrado, grandes panoramas ao longo de um relevo ondulado, deslumbrantes cachoeiras de águas cristalinas e uma esplêndida luz solar. Existe lá um Parque Nacional à volta do Rio Preto, ainda pouco desenvolvido. Nas proximidades, há também um Parque Estadual contendo belas cavernas e algumas cachoeiras.

## A Chapada dos Veadeiros

A Chapada ocupa um planalto elevado, inteiramente contido no Estado de Goiás. A altitude média é de 1.000m, alcançando em Pouso Alto o ponto mais elevado do Planalto Central Brasileiro. A Chapada abarca em especial os municípios de Cavalcante ao norte e Alto Paraíso no centro, que está a pouco mais de 200 km de Brasília. Sua área é de 15 mil km2, uma extensão enorme, equivalente por exemplo a 2/3 de Sergipe e 1/3 do Espírito Santo. Diz-se que o que a define é a enorme placa de quartzo sobre a qual está assentada, bem como as duas serras que a formam: a Serra Geral do Paraná que corre desde Formosa pelo bordo leste e a Serra de Santana que a atravessa vinda do norte. A geologia da Chapada é muito antiga, sendo formada por rochas sedimentares soerguidas e sujeitas a dobras, falhas e aplainamentos. Ela é limitada a norte e oeste pela depressão do Rio Tocantins, a leste pelo Vão do Paraná e a sul pelo planalto de Brasília. As formações predominantes são de arenito quartzítico, que se mostram mais evidentes nas escarpas reluzentes como as das Serras de Santana e do Segredo. Os principais rios da Chapada são o Paraná e o Maranhão, formadores do Tocantins, lá ainda um rio jovem que corre para o norte. O Vão do Paraná é uma janela na serra de mesmo nome, de onde se descortinam as terras baixas da Bahia. Existe um degrau perceptível no rumo sul de Brasília, embora prossigam depois dele os campos altos.

## Flora e Fauna

A estação úmida começa em novembro e vai até abril ou maio. Na seca o sol torna-

se abrasador, devido à baixa umidade. Portanto, a melhor época para visitaçãot talvez seja o outono ou o início do verão. Lá estive num verão seco e num inverno quente e, em ambos, os dias eram quentes e luminosos e as noites, amenas e ventiladas. A vegetação é típica de cerrado, ocorrendo várias de suas manifestações. Nas matas ciliares dos vales úmidos aparecem paus d'arco e aroeiras, e até jatobás e angicos, e nas belas veredas planas, buritis e babaçus. Nos cerrados fechados é possível encontrar espécies típicas, como lixeiras e muricis. Já os campos são recobertos por gramíneas, ervas e arbustos – das quais são exemplos o capim flecha, a arnica, a mangaba e a canela de ema. Cristiano da Costa conta que se pode separar a vegetação do cerrado em plantas gramíneas (capins arroz ou pé de galinha), herbáceas (como a pata de vaca), arbustivas (chapéu de couro) e arbóreas (como o pequi e o landi). Mas de todas, a que mais me impressionou foi o papirus, uma forma de quaresmeira, endêmica da Serra Dourada (ela fica fora da Chapada), que produz uma casca branquíssima que se desprende como folhas de papel. O cerrado aparenta uma ilusória pobreza devido a seu aspecto árido e retorcido. Como me disse um habitante da região, as árvores são farmacêuticas, devido a seu uso medicinal – sem mencionar o alimentício. Suas raízes profundas e suas cascas espessas são eficientes adaptações ao meio áspero – diz-se que o cerrado é a floresta de cabeça para baixo. Ainda vivem nestes espaços veados campeiros, bem como tamanduás, bugios, onças e lobos guará. Grandes aves, como emas e seriemas, fazem companhia a patos, perdizes e tucanos. Antas e capivaras refugiam-

se nos banhados das veredas. Além de aves, a região é muito rica em peixes e répteis.

## A Ocupação da Chapada

A colonização deste território ocorreu a partir de Cavalcante, vila fundada no ciclo do ouro por um bandeirante com este sobrenome. Após o declínio do minério, vieram os cultivos do trigo e do café, porém estas culturas não tiveram vida longa. O garimpo do quartzo aconteceu onde é hoje o Parque Nacional, até que o minério sintético substituiu o natural. Durante o período colonial, escravos negros foram trazidos para os trabalhos de mineração. Alguns fugiram e se refugiaram em quilombos, que o isolamento e o relevo da região ajudaram a proteger. Estas vilas são chamadas localmente de kalungas, que significa provavelmente lugar sagrado. Visitei o kalunga de Cavalcante (que é o mais populoso) e fiquei surpreso com a agradável disposição da vila. Mas há diversos outros, como o Vão das Almas, o Prata, o Vão do Moleque. O território kalunga foi reconhecido como inacreditáveis 272 mil ha, onde vivem hoje 8 mil pessoas. Dizem que os kalungas praticam a igualdade, o naturalismo e o isolamento, apesar de também praticarem atividades conjuntas. Esta região foi antigamente povoada pelos avás-canoeiros, tribo guerreira dizimada pelos bandeirantes. Conhecidos como o povo invisível pela sua habilidade em se esconderem na mata, foram resgatados na década de 80 e transferidos para uma enorme reserva no norte da Chapada. Reduzidos a menos de dez, vivem hoje miseravelmente – como disse deles o chefe do Posto Indígena: Não se reproduziram. A quem ocorreria deixar a seus filhos uma herança dessas?

O nome da região foi dado pela Fazenda Veadeiros em Cavalcante. Os veadeiros eram cães farejadores dos veados campeiros, caçados durante quase um século. O couro dos veados era mais valioso que sua carne, por ser usado na confecção de bolsas, selas e calçados. Segundo uma das interpretações, o Rio dos Couros tem este nome pois nas suas margens os couros eram enfardados para transporte. Outra versão refere-se aos bois que se afogavam na sua travessia, dos quais eram retirados os couros.

## As Vilas da Chapada

As vilas da Chapada são três, todas pequenas: Cavalcante, Alto Paraíso e seu distrito São Jorge, voltadas para a agropecuária e o ecoturismo. Visualmente, o centro de Cavalcante é o mais interessante, mas o clima jovem e alternativo de São Jorge é especial. Alto Paraíso funciona como o centro do ecoturismo da região, à sêmeilhança de Lençóis na Chapada Diamantina. Existem outras vilas um tanto afastadas, como São João d'Aliança a sul e Colinas do Sul a oeste. Na realidade, o território da Chapada é ainda hoje escassamente povoado: por exemplo, Cavalcante dista 90 km de Paraíso e este, 70 km de São João. O solo raso e pedregoso não estimula as atividades agropecuárias. É impressionante atravessar extensões tão grandes que, apesar de planas e verdes, permanecem desocupadas. É impossível andar pela Chapada sem ouvir falar (entre outros) no poder dos cristais, nas energias vitais, na consciência cósmica ou nos seres extraterrestres. Em 1980 lá chegaram os integrantes do Projeto Rumo ao Sol, que visava unir o misticismo ao naturalismo, e a Chapada nunca mais foi a mesma. Você ouvirá mais de uma vez que este é o

berço do novo homem, de uma nova raça. Na virada do milênio, vieram novos moradores, impressionados com o possível cataclisma do qual pudessem ser protegidos pela energia dos cristais. E, mesmo sem nenhuma catástrofe, eles acabaram ficando.

## O Parque Nacional

O PN foi criado em 1961 pelo Presidente Juscelino, com uma imensa área de 625 mil ha, que extrapolava a atual a norte e a sul, e equivalia a metade de toda a Chapada. Cerca de dez anos depois, foi reduzida para 170 mil ha, ainda assim grande o suficiente para encontrar oposição dos fazendeiros. Passados mais de dez anos, chegou à dimensão atual de 65 mil ha. O acesso ao Parque é feito pela rodovia parcialmente asfaltada que vai rumo ao distrito de São Jorge, a 35 km de distância. São Jorge era antigamente um local de garimpo de quartzo e até hoje as marcas da mineração podem ser percebidas. O Morro do Garimpo, logo no início do Parque, foi aliás a mais recente adição à sua área. O Parque é atravessado ao meio pelo Rio Preto, que nasce ao norte nas maiores altitudes do Planalto Central e corre a sul para o Tocantins. A vegetação é basicamente de cerrado e campo, com algumas variações ao longo dos percursos. Nas partes mais altas, você encontrará campos rupestres. Há apenas duas trilhas de extensão moderada abertas à visitação, que correm rumo nordeste: do Salto Grande e dos Cânions, com vistas muito bonitas do curso do rio, seja em quedas espetaculares ou em belas corredeiras. Têm aproximadamente 10 km de ida e volta, com alguns desníveis moderados e possibilidade de ótimos banhos. Hoje não são mais obrigatoriamente guiadas. Estes trajetos ocupam uma área ínfima na extremidade oeste do Parque. Conheci-o mais de 15 anos atrás, e as trilhas eram as mesmas. Porém foi agora inaugurada uma travessia de 23 km seguindo grandemente o curso do Rio Preto, a ser cruzado por duas vezes. Parte dela é o caminho das Fiandeiras, dos velhos tempos do garimpo. Você pode pernoitar no local das Sete Quedas, novamente nas margens do rio. A trilha termina numa rodovia, onde você deve providenciar o resgate. Fala-se agora em abrir uma nova portaria ao norte, na Ponte de Pedra, onde o Rio Preto passa por um estreito, sob um belo arco natural de pedras.

## O Jardim de Maitreya

Mas acredito que o local mais bonito não esteja no vale do Rio Preto e sim no Jardim de Maitreya. Ele é uma deslumbrante vereda decorada por buritis, à beira da estrada que leva ao Parque. Vale a pena subir no Morro da Baleia para contemplá-lo. O Morro é uma formação curiosa, facilmente visível à direita da rodovia que leva a São Jorge. Vindo de Alto Paraíso, a saída para o Morro é no km 12.5 desta estrada, a partir do qual você deve rodar até uma casa e curral com eucaliptos. A trilha começa à esquerda e logo toma o rumo oeste, subindo até o colo da Baleia, numa altitude estimada de 1.250m. Não há trilha para a chamada cauda da Baleia, cujo cume deve estar 250m acima. Note que o limite do Parque passa pelo meio do colo. Portanto, a partir deste, você já estará no seu interior. Continue caminhando em frente, até chegar à borda de um penhasco, com uma espetacular vista dos campos baixos e das paredes do Morro do Buracão logo à esquerda. Seria uma bela travessia chegar até o vale do Rio Preto por este trajeto, mas que eu saiba não é permitido. Talvez seja conveniente comentar sobre

as serras que cortam esta região. A Serra do Pouso Alto contém o ponto culminante com 1.676m, mas não impressiona, por ser apenas uma corcova numa colina elevada. Diferente desta é a extensa Serra de Santana (com altitudes de até 1.100m), cujas escarpas envolvem a vila de Cavalcante e cujo percurso atravessa o Parque. Já a Serra Geral de Paraná mostra-se como uma discreta elevação a leste, sem o ímpeto da outra. De Alto Paraíso você verá muitas elevações interessantes: o Morro da Conceição, a Serra da Baliza, o Morro do Buracão, a Serra do Segredo e o Morro do Chapéu. Mas talvez a vista mais emocionante seja a da panorâmica Serra da Nova Aurora, que você descortinará do mirante no caminho para as cachoeiras de Cavalcante, com seu distante arco rochoso abraçando os campos baixos em toda a volta.

## As Cachoeiras

Luciano Neiva cunhou o termo Águas Coloridas para representar as diferentes cores dos poços da Chapada:

- azuis, como em Santa Bárbara e nos Macaquinhos;
- verdes, a exemplo das seguidas cachoeiras do Prata;
- amarelas, que eu saiba apenas no Rio Curriola;
- pretas, como nos Rios Preto e São Domingos;
- e transparentes, como no Vale da Lua do Rio São Miguel.

Existem na Chapada cachoeiras espetaculares, a distâncias em geral um tanto longas, devido à grande extensão do território. Listo a seguir quinze das mais expressivas:

Água Fria	160 m
Sertão Zen	150 m
Salto Grande	120 m
Segredo	80 m
UrubuRei	65 m
Ponte de Pedra	60 m
Almécegas	50 m
Macaquinhos	50 m
Couros	50 m
Raizama	40 m
Santa Bárbara	35 m
Capivara	25 m
Poço Encantado	25 m
Rei do Prata	25 m
Cristais	15 m

Em Cavalcante, que fica a 90 km por asfalto de Paraíso, você terá de percorrer 35 km em terra para conhecer Santa Bárbara e Capivara, e 60 km, para chegar ao Prata. As duas primeiras ficam na comunidade kalunga do Engenho, que comentei antes, acessíveis por trilhas curtas e fáceis. As águas da Santa Bárbara são de um azul irreal, num poço circundado por vegetação, é uma das mais lindas piscinas naturais que já vi, e isto inclui as de Bonito e da Bahia. Já as águas do Prata são de um delicado verde. Chegar à Cachoeira Rei do Prata é um exercício longo, numa subida de 8 km (ou 5 km, se você puder se aproximar pela estrada). De todas as nove quedas, a Urubu Rei é a maior delas, mas não a mais conhecida. Estas muitas águas, com as amenidades de seus poços e corredeiras, contrastam com os doloridos campos pedregosos e troncos retorcidos. Em Alto Paraíso você deve conhecer pelo menos três formações, com volumes e quedas impressionantes: as Almécegas, os Couros e os Macaquinhos. Destas, apenas as primeiras estão próximas (por uma estradinha de 5 km), as duas demais exigindo percursos de aproximadamente 15 km em asfalto mais 30 km em terra. Mas as trilhas são curtas, não ultrapas-

sando 5 km. São muito diferentes entre si, ora com paredões, com corredeiras, com remansos ou com quedas sucessivas. Existem cachoeiras que, embora às vezes distantes, têm um fácil acesso, como os casos do Poço Encantado (por asfalto) e da Cachoeira dos Cristais (estrada de terra curta) em Alto Paraíso, e Raizama em São Jorge (16 km em terra). São formações menores, mas ainda assim bem interessantes, seja pelo belo visual ou como local de banho. Porém ocorrem duas quedas que só podem ser avistadas após longos percursos, da ordem de 16 km ida e volta: Sertão Zen em Alto Paraíso e Segredo em São Jorge, respectivamente através das Serras da Baliza e do Segredo. Se você tiver de optar por uma delas, escolha a primeira no verão (quando a natureza estiver mais verdejante) e a segunda no inverno (quando as travessias do rio forem mais fáceis).

## A Terra Ronca

A principal rodovia de acesso à Chapada é a GO 118 - é ela que a liga a Brasília e que une Alto Paraíso a Cavalcante. Também é a partir dela que se chega ao Parque Estadual da Terra Ronca, deixando-a pouco antes de Campos Belos. Você deve então seguir 75 km (principalmente em terra) até São Domingos. Mas, se você vier pela paralela BR 020 a leste, o acesso será bem mais simples: bastam 35 km por asfalto. São Domingos está em Goiás, já ao lado da divisa com a Bahia. A modesta vila de São Domingos é a porta de entrada para o Parque, mas você pode também ficar em São João, que é mais próxima das cavernas. O Parque foi criado em 1989, mas apenas demarcado sete anos depois. Ele possui 57 mil ha e no seu entorno existe uma APA de 40 mil ha. É um Parque sem qualquer estrutura que não

sejam algumas (raras) sinalizações e praticamente sem funcionários. Ele foi criado para proteger várias cavernas e nascentes de rios, em geral afluentes do Paraná. Esta é uma região de cerrado, com grande diversidade biológica. Seus principais atrativos são as cavernas calcárias, com suas amplas galerias, lagos subterrâneos e paredes decoradas. A mais conhecida delas é a Terra Ronca, assim chamada devido ao barulho da água em seu interior. As cavernas ficam a distâncias razoáveis de São Domingos:

Caverna	Distância	E x t e n s ã o
Angélica	22 km	17 km
Ronca I	60 km	1 km
Ronca II	60 km	5 km
S. Bernardo	78 km	2 km
S. Mateus	80 km	7 km

São cavernas bastante altas e repletas de espeleotemas. Só pude visitar as duas primeiras, pois as demais estavam inundadas devido às fortes chuvas. Nas duas últimas, é necessário caminhar dentro do rio. Mas existem inúmeras outras formações, muitas delas ainda pouco conhecidas - como a perigosa São Vicente e as pouco exploradas Dores e Suindara. Este é um Parque que pode ser melhor desenvolvido, como um contraponto entre as enormes extensões do Jalapão ao norte e a da Chapada ao sul. Há também cachoeiras interessantes, em especial a Abadia, com grande queda e volume d'água. Chama a atenção o Pico do Moleque, com o exato perfil de um pião, tendo ao fundo a magnífica parede da Serra Geral, que separa Goiás da Bahia. Assim como o Lago de São Domingos, às margens da cidade, na realidade o reservatório da usina hidrelétrica da região.

## Mais que uma loja de equipamentos outdoor

### NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

Ambiente descontraído

Assistência personalizada

Suporte técnico

As melhores marcas

e-commerce: [www.bivak.com.br](http://www.bivak.com.br)

11 2308 6995

Rua Caramuru, 523

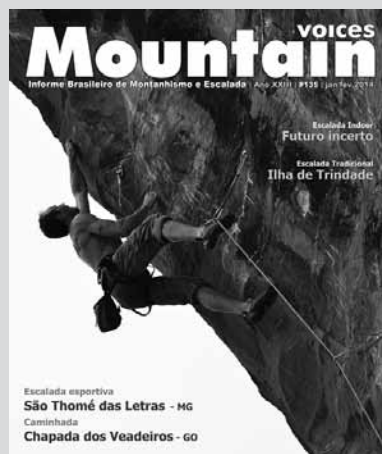
♦ Metrô Praça da Árvore, São Paulo



## Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/10/2013.

**Mountain Voices** é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes. Editor: Eliseu Frechou Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000. E-mail: contato@montanhismos.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Almir Neves escalando as paredes negativas do Shangrilá, São Thomé das Letras, MG. Foto: Eliseu Frechou

Nome.....  
Endereço.....  
Cidade..... Estado.....  
CEP..... Telefone.(.....).....  
E-mail.....  
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....  
Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra  
Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada  
( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

- ( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
- ( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00
- ( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- ( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- ( ) Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00
- ( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
- ( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
- ( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00
- ( ) DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00
- ( ) DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- ( ) DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00
- ( ) Disco HD Dias de Tempestade - R\$ 25,00
- ( ) DVD Karma - R\$ 25,00

135

Total .....00

## Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site [www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)

### LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2  
Baú e Região



LOBOTOMIA 3  
De PE ao RS



DIAS DE TEMPESTADE  
mp4 e wmv

### Manuais de Escalada e Montanhismo

## Pedra do Baú Itatiaia Serra do Cipó

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso



## E você, resiste? Equinox, produtos irresistíveis!



[www.equinox.com.br](http://www.equinox.com.br)

**EQUINOX**

Desde 1989 preparando montanhistas para grandes desafios.

**MONTANHISMUS**  
Escola de Escalada  
Telefax: (12) 3971.1470  
São Bento do Sapucaí - SP  
[www.montanhismus.com.br](http://www.montanhismus.com.br)

**CONQUISTA** LANÇAMENTO  
NOVAS JAQUETAS 3X1  
anoraque + soft

BARILOCHE BARILOCHE LADY ACTIVE ACTIVE LADY

Os Anoraques 3X1 Conquista são os companheiros ideais para viagens a locais frios. Além da proteção contra baixas temperaturas, ainda protegem da chuva, vento e neve, pois são impermeáveis e respiráveis. O que significa que não deixam a água da chuva entrar, mas permitem que a transpiração saia através do tecido. Ou seja, protegem totalmente das chuvas, mas permitem que o corpo respire, mantendo-o seco e aquecido. E estes conjuntos são chamados de 3X1 porque permitem 3 opções de uso: só o anoraque, só o fleece ou ambos acoplados.

[www.conquistamontanismo.com.br](http://www.conquistamontanismo.com.br)  
[facebook.com/conquistamontanismo1990](https://facebook.com/conquistamontanismo1990)



# DRY SHIELD

  
**SNAKE**  
FOUNDED 1988

ELEITA PELO GUIA DE EQUIPAMENTOS GO OUTSIDE A  
MELHOR BOTA TREKKING NA CATEGORIA CUSTO BENEFÍCIO

PRODUZIDA SEM MATERIAIS DE ORIGEM ANIMAL.

CONFORTÁVEL, 100% IMPERMEÁVEL, MALEÁVEL E  
SEGURA.

NOVA TECNOLOGIA, DESENVOLVIDA EXCLUSIVAMENTE  
PARA O MELHOR DESEMPENHO NOS MAIORES DESAFIOS.



FOTOS MERAMENTE ILUSTRATIVAS

CONCORRA A UMA

# BIKE SNAKE



BASTA CADASTRAR O CÓDIGO QUE ESTÁ JUNTO COM SUA DRY SHIELD NO SITE [SNAKE.COM.BR](http://SNAKE.COM.BR) E PARTICIPAR